



FUNDAÇÃO
renova

**MINUTA COM LEVANTAMENTO DAS INFORMAÇÕES E AÇÕES
ESTRATÉGICAS PARA ESTABELECIMENTO DE OBJETIVOS NA
ELABORAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO PARA CONSERVAÇÃO DA
BIODIVERSIDADE TERRESTRE DO RIO DOCE**

Maio/2018



**MINUTA DE LEVANTAMENTO DE
INFORMAÇÕES E AÇÕES ESTRATÉGICAS
PARA ESTABELECIMENTO DE OBJETIVOS
NA ELABORAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO
PARA CONSERVAÇÃO DA
BIODIVERSIDADE TERRESTRE DO RIO
DOCE**

Belo Horizonte / 2018

FUNDAÇÃO RENOVA	
CNPJ	25.135.507/0001-83
Endereço	Avenida Getúlio Vargas, 671 – Térreo, Bairro Funcionários, Belo Horizonte – MG
Responsável pelo Projeto	Bruno Vergueiro Silva Pimenta
Contato	55 31 98448-3355

INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL POR ESTE DOCUMENTO BICHO DO MATO INSTITUTO DE PESQUISA	
CNPJ	13.720.527/0001-32
Endereço	Avenida Cônsul Antônio Cadar, nº600, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 30360-000
Diretora Técnica	Edeltrudes Maria Valadares Calaça Câmara (Tudy Câmara)
Contato	55 31 2515-2578

EQUIPE RESPONSÁVEL POR ESTE DOCUMENTO		
Profissional	Formação /Cargo/Função	Atividades
Edeltrudes M. V. C. Câmara (Tudy Câmara)	Bióloga, Msc. Zoologia de Vertebrados/ Bicho do Mato Instituto de Pesquisa / Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda.	Coordenação Geral
Leonardo de Carvalho Oliveira	Biólogo, Pós-Doc. Ecologia / Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ) / Diretor Científico Bicho do Mato Instituto de Pesquisa	Coordenador Técnico
Fernanda Lira Santiago	Bióloga, Msc. Engenharia Ambiental/ Bicho do Mato Instituto de Pesquisa / Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda.	Apoio à Coordenação
Cristiane César Coelho Damas	Bióloga, PhD Comportamento Animal/ Bicho do Mato Instituto de Pesquisa / Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda. / Museu de Ciências Naturais PUC Minas	Apoio à Coordenação



Serviço Público Federal
CONSELHO FEDERAL/CONSELHO REGIONAL DE BIOLOGIA -
4ª REGIÃO

Situação: TRABALHO EM ANDAMENTO	Data: 19/12/2017 15:29:12
---------------------------------	---------------------------

ANOTAÇÃO DE RESPONSABILIDADE TÉCNICA - ART	Nº: 2017/10493
---	----------------

CONTRATADO

Nome: EDELTRUDES MARIA V CALACA CAMARA	Registro CRBio: 008619/04-D
CPF: 27760537620	Tel: 31 99728228
E-mail: tudy@bichodomato.net.br	
Endereço: R. CONTRIA n.º 1550 AP.901	
Cidade: BELO HORIZONTE	Bairro: GRAJAU
CEP: 30431-245	UF: MG

CONTRATANTE

Nome: BICHO DO MATO MEIO AMBIENTE LTDA	
Registro profissional:	CPF/CGC/CNPJ: 08.314.527/0001-00
Endereço: R. PERDIGAO MALHEIROS n.º 222	
Cidade: BELO HORIZONTE	Bairro: CORACAO DE JESUS
CEP: 30380-234	UF: MG
Site:	

DADOS DA ATIVIDADE PROFISSIONAL

Natureza: Prestação de Serviços - Coordenação/orientação de estudo/projetos de pesquisa e/ou outros serviços, Supervisão de estudos/projetos de pesquisa e/ou outros serviços			
Identificação: PLANO DE AÇÃO NACIONAL DAS ESPÉCIES AMEAÇADAS NA ÁREA 1.			
Município do trabalho: BELO HORIZONTE E VITÓRIA	UF: MG	Município da sede: BELO HORIZONTE	UF: MG
Forma de participação: Equipe		Perfil da equipe: MULTIDISCIPLINAR	
Área do conhecimento: Ecologia		Campo de atuação: Meio ambiente	
Descrição sumária da atividade: COORDENAÇÃO GERAL DA ELABORAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO NACIONAL - PAN DAS ESPÉCIES DA FAUNA TERRESTRE - AVIFAUNA, AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO NA REGIÃO AFETADA PELO RÔMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO - ÁREA AMBIENTAL 1. CUMPRIMENTO DO TERMO DE AJUSTAMENTO DE CONDUTA - TAC 168, CLÁUSULA 30.			
Valor: R\$ 45000,00		Total de horas: 450	
Início: 15/12/2017		Término:	

ASSINATURAS

Declaro serem verdadeiras as informações acima		Para verificar a autenticidade desta ART acesse o CRBio-04 Online em nosso site e depois o serviço Conferência de ART
Data: / / Assinatura do profissional	Data: / / Assinatura e carimbo do contratante	

Solicitação de baixa por distrato	SOLICITAÇÃO DE BAIXA POR CONCLUSÃO
Data: / / Assinatura do profissional Data: / / Assinatura e carimbo do contratante	Declaramos a conclusão do trabalho anotado na presente ART, razão pela qual solicitamos a devida BAIXA junto aos arquivos desse CRBio. Nº do protocolo: 30780/NET Data: / / Assinatura do profissional Data: / / Assinatura e carimbo do contratante

Imprimir ART




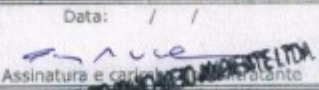
Serviço Público Federal
**CONSELHO FEDERAL/CONSELHO REGIONAL DE BIOLOGIA -
4ª REGIÃO**

Situação: TRABALHO EM ANDAMENTO	Data: 19/12/2017 15:26:31		
ANOTAÇÃO DE RESPONSABILIDADE TÉCNICA - ART	Nº: 2017/10448		
CONTRATADO			
Nome: FERNANDA LIRA SANTIAGO	Registro CRBio: 037801/04-D		
CPF: 91612403620	Tel: 31 99910351		
E-mail: fernandalirasantiago@gmail.com			
Endereço: R ANTARES 115			
Cidade: BELO HORIZONTE	Bairro: SAO BENTO		
CEP: 30360-110	UF: MG		
CONTRATANTE			
Nome: BICHO DO MATO MEIO AMBIENTE LTDA			
Registro profissional:	CPF/CGC/CNPJ: 08.314.527/0001-00		
Endereço: R PERDIGAO MALHEIROS n.º 222			
Cidade: BELO HORIZONTE	Bairro: CORACAO DE JESUS		
CEP: 30380-234	UF: MG		
Site:			
DADOS DA ATIVIDADE PROFISSIONAL			
Natureza: Prestação de Serviços - Realização de consultorias/assessorias técnicas			
Identificação: PLANO DE AÇÃO NACIONAL DAS ESPÉCIES AMEAÇADAS NA ÁREA AMBIENTAL 1.			
Município do trabalho: BELO HORIZONTE E VITÓRIA	UF: MG	Município da sede: BELO HORIZONTE	UF: MG
Forma de participação: Equipe		Perfil da equipe: MULTIDISCIPLINAR	
Área do conhecimento: Zoologia		Campo de atuação: Meio ambiente	
Descrição sumária da atividade: PARTICIPAÇÃO NA ELABORAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO NACIONAL - PAN DAS ESPÉCIES DA FAUNA TERRESTRE E FLORA AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO NA REGIÃO AFETADA PELO ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO - ÁREA AMBIENTAL 1. CUMPRIMENTO DO TERMO DE AJUSTAMENTO DE CONDUTA - TAC 168, CLÁUSULA 30.			
Valor: R\$ 3000,00		Total de horas: 50	
Início: 15/12/2017		Término:	
ASSINATURAS			
Declaro serem verdadeiras as informações acima			
Data: 15/12/2017 <i>[Assinatura]</i> Assinatura do profissional		Data: / / <i>[Assinatura]</i> Assinatura e carimbo do contratante	
Solicitação de baixa por distrato		Solicitação de baixa por conclusão	
Data: / / Assinatura do profissional		Declaramos a conclusão do contrato na presente ART, razão pela qual solicitamos a devida BAIXA junto aos arquivos desse CRBio. Nº do protocolo: 30732/NET Data: / / Assinatura do profissional	
Data: / / Assinatura e carimbo do contratante		Data: / / Assinatura e carimbo do contratante	

Imprimir ART



Serviço Público Federal
CONSELHO FEDERAL/CONSELHO REGIONAL DE BIOLOGIA -
4ª REGIÃO

Situação: TRABALHO EM ANDAMENTO		Data: 19/12/2017 14:24:41		
ANOTAÇÃO DE RESPONSABILIDADE TÉCNICA - ART		Nº: 2017/10452		
CONTRATADO				
Nome: LEONARDO DE CARVALHO OLIVEIRA		Registro CRBio: 013903/04-D		
CPF: 96131047634		Tel: 21 85913968		
E-mail: leonardoco@gmail.com				
Endereço: R ALFREDO CHAVES n.º 24 101				
Cidade: RIO DE JANEIRO		Bairro: HUMAITA		
CEP: 22260-160		UF: RJ		
CONTRATANTE				
Nome: BICHO DO MATO MEIO AMBIENTE LTDA				
Registro profissional:		CPF/CGC/CNPJ: 08.314.527/0001-00		
Endereço: R PERDIGAO MALHEIROS n.º 222				
Cidade: BELO HORIZONTE		Bairro: CORACAO DE JESUS		
CEP: 30380-234		UF: MG		
Site:				
DADOS DA ATIVIDADE PROFISSIONAL				
Natureza: Prestação de Serviços - Coordenação/orientação de estudo/projetos de pesquisa e/ou outros serviços				
Identificação: PLANO DE AÇÃO NACIONAL DAS ESPÉCIES AMEAÇADAS NA ÁREA 1.				
Município do trabalho: vitória e belo horizonte		UF: MG	Município da sede: belo horizonte	UF: MG
Forma de participação: Equipe		Perfil da equipe: MULTIDISCIPLINAR		
Área do conhecimento: Ecologia		Campo de atuação: Meio ambiente		
Descrição sumária da atividade: COORDENAÇÃO GERAL PARA ELABORAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO NACIONAL - PAN DAS ESPÉCIES DA FAUNA TERRESTRE - AVIFAUNA, AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO NA REGIÃO AFETADA PELO ROMPIMENTO DA BAIRRAGEM DE FUNDÃO - ÁREA AMBIENTAL 1. CUMPRIMENTO DO TERMO DE AJUSTAMENTO DE CONDOTA - TAC 168, CLÁUSULA 30.				
Valor: R\$ 45000,00		Total de horas: 450		
Início: 15/12/2017		Término:		
ASSINATURAS				
Declaro serem verdadeiras as informações acima				
Data: / /  Assinatura do profissional		Data: / /  Assinatura e carimbo do contratante		
Solicitação de baixa por distrato		Solicitação de baixa por conclusão		
Data: / / Assinatura do profissional		Declaramos a conclusão do trabalho anotado na presente ART, razão pela qual solicitamos a devida BAIXA junto aos arquivos desse CRBio. Nº do protocolo: 30737/NET Data: / / Assinatura do profissional		
Data: / / Assinatura e carimbo do contratante		Data: / / Assinatura e carimbo do contratante		

Imprimir ART



Serviço Público Federal
CONSELHO FEDERAL/CONSELHO REGIONAL DE BIOLOGIA -
4ª REGIÃO

Situação: TRABALHO EM ANDAMENTO	Data: 19/12/2017 07:35:48
ANOTAÇÃO DE RESPONSABILIDADE TÉCNICA - ART	Nº: 2017/10370
CONTRATADO	
Nome: CRISTIANE CASAR COELHO DAMAS	Registro CRBio: 016253/04-D
CPF: 95446656687	Tel: 31 87337647
E-mail: criscasar@gmail.com	
Endereço: R PERDIGAO MALHEIROS n.º 404 APTO. 02	
Cidade: BELO HORIZONTE	Bairro: CORACAO DE JESUS
CEP: 30380-234	UF: MG
CONTRATANTE	
Nome: BITCHO DO MATO MEIO AMBIENTE LTDA	
Registro profissional:	CPF/CGC/CNPJ: 08.314.527/0001-00
Endereço: R PERDIGAO MALHEIROS n.º 222	
Cidade: BELO HORIZONTE	Bairro: CORACAO DE JESUS
CEP: 30380-234	UF: MG
Site:	
DADOS DA ATIVIDADE PROFISSIONAL	
Natureza: Prestação de Serviços - Execução de estudos, projetos de pesquisa e/ou serviços, Coordenação/orientação de estudo/projetos de pesquisa e/ou outros serviços	
Identificação: PLANO DE AÇÃO NACIONAL DAS ESPÉCIES AMEAÇADAS NA ÁREA 1	
Município do trabalho: Belo Horizonte e Vitória	UF: MG Município da sede: Belo Horizonte UF: MG
Forma de participação: Equipe	Perfil da equipe: Multidisciplinar
Área do conhecimento: Zoologia	Campo de atuação: Meio ambiente
Descrição sumária da atividade: ELABORAÇÃO DE UM PLANO DE AÇÃO NACIONAL - PAN - DAS ESPÉCIES DA FAUNA TERRESTRE (MASTOFAUNA MÉDIOS E GRANDES) AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO NA REGIÃO AFETADA PELO ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO - ÁREA AMBIENTAL 1; E COORDENAÇÃO ADJUNTA. CUMPRIMENTO DO TERMO DE AJUSTAMENTO DE CONDUTA - TAC 168, CLÁUSULA 30.	
Valor: R\$ 20000,00	Total de horas: 200
Início: 15/12/2017	Término:
ASSINATURAS	
Declaro serem verdadeiras as informações acima	
Data: 19/12/17 Assinatura do profissional	Data: / / Assinatura e carimbo do contratante
Solicitação de baixa por distrato Data: / / Assinatura do profissional Data: / / Assinatura e carimbo do contratante	Solicitação de baixa por conclusão Declaramos a conclusão do trabalho anotado na presente ART, razão pela qual solicitamos a devida BAIXA junto aos arquivos desse CRBio. Nº do protocolo: 30650/NET Data: / / Assinatura do profissional Data: / / Assinatura e carimbo do contratante

RESUMO

Os Planos de Ação Nacional para a Conservação das Espécies Ameaçadas de Extinção ou do Patrimônio Espeleológico (PAN) são políticas públicas, pactuadas com a sociedade, que identificam e orientam as ações prioritárias para combater as ameaças que põem em risco populações de espécies e os ambientes naturais e assim protegê-los. O objetivo geral dos planos é aprimorar o conhecimento sobre as espécies ameaçadas e mitigar as atividades impactantes, promovendo a conservação e a recuperação da fauna e flora. O Plano de Ação a ser desenvolvido se beneficia dos termos metodológicos adotados nos Planos de Ação Nacionais. Este documento apresenta resumidamente os objetivos e ações estratégicas de um Plano de Ação para conservação da fauna e flora terrestres afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão, no município de Mariana, Minas Gerais, em atendimento as etapas contempladas no Plano de Trabalho deste Plano de Ação.

Palavras-chave: Minuta. Oficinas. Ações Estratégicas. Conservação.

SUMÁRIO

1. PLANOS DE AÇÃO NACIONAL	1
2. INTRODUÇÃO	3
3. OBJETIVO	6
3.1. Objetivo geral	6
3.2. Objetivos específicos	6
4. LEVANTAMENTO E ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES	7
4.1. Método adotado para levantamento e organização das informações	7
5. RESUMO DAS ESPÉCIES ALVOS DESTE PLANO DE AÇÃO	8
5.1. Mapeamento das principais ameaças.....	9
5.2. Resultados preliminares dos questionários aplicados.....	11
6. PLANEJAMENTO DAS OFICINAS	13
6.1. Informações Gerais.....	13
6.2. Objetivo da Oficina	14
6.3. Abordagem Metodológica	14
6.4. Roteiro de Trabalho	14
6.5. Programação Sugerida.....	22
6.6. Participantes	23
6.6.1. Equipe Base	23
6.6.2. Demais participantes.....	28
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
8. ANEXOS	30

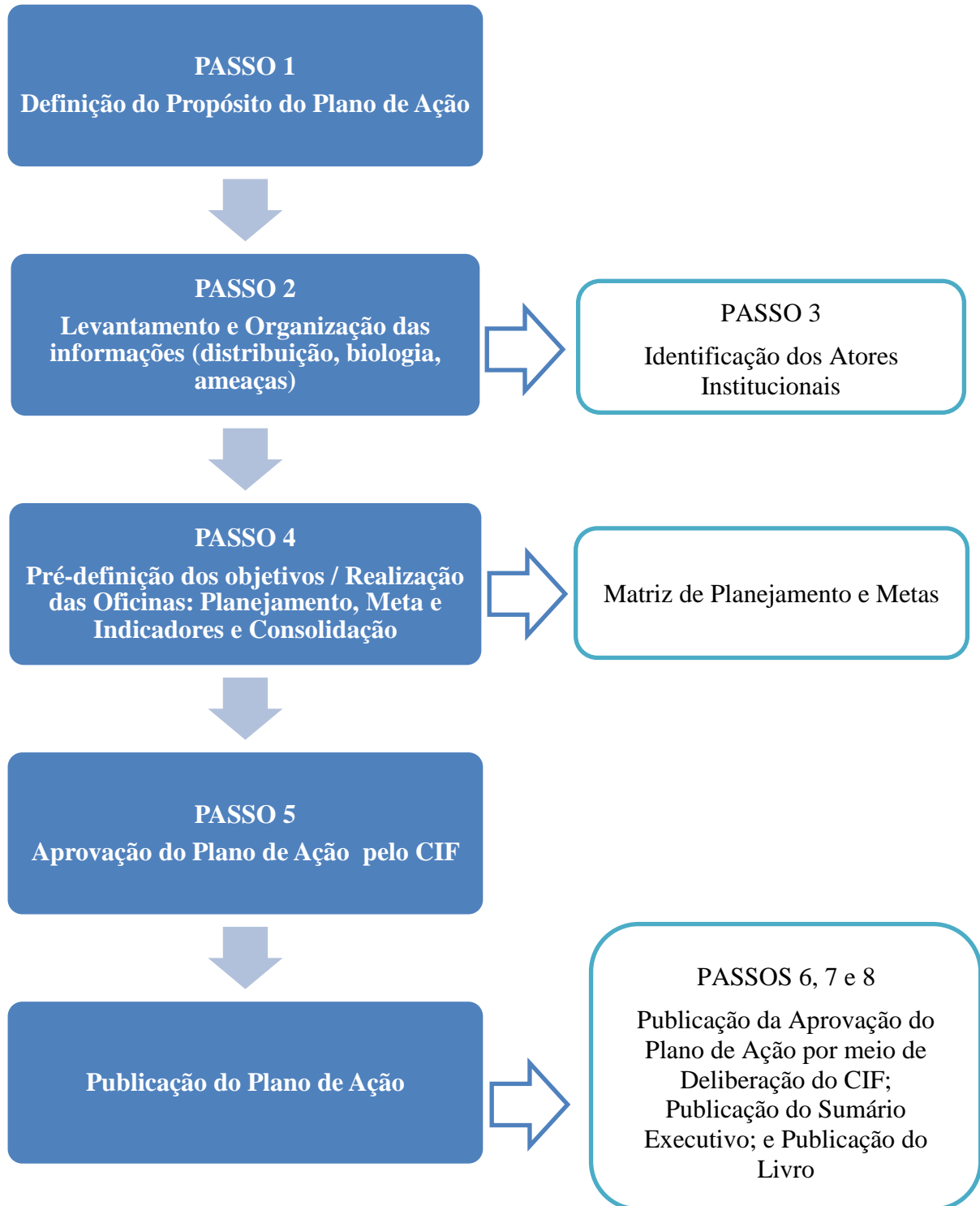
1. PLANOS DE AÇÃO NACIONAL

Segundo o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) os Planos de Ação Nacionais para a Conservação das Espécies Ameaçadas de Extinção ou do Patrimônio Espeleológico (PAN) são instrumentos de gestão que têm como principal objetivo a troca de experiência entre os atores envolvidos no sentido de agregar e buscar ações de conservação, reunindo e potencializando os esforços e racionalizando a captação e gestão dos recursos para conservação das espécies ou ambientes focos dos planos de ação. Os planos de ação buscam identificar, a partir das ameaças que põem em risco as espécies, quais instrumentos de gestão devem ser orientados ou otimizados, visando um efeito benéfico direto. Suas ações abrangem de forma objetiva a interferência em políticas públicas, o desenvolvimento de conhecimentos específicos, a sensibilização de comunidades e o controle da ação humana para combater as ameaças que põem as espécies em risco de extinção.

De maneira geral, as etapas de elaboração de um plano de ação envolvem a organização e análise de informações para identificação das ameaças e atores; a identificação dos objetivos, metas e ações estratégicas para promover uma mudança do risco de extinção das espécies, por meio de oficinas de planejamento participativo; a aprovação por meio da portaria do ICMBio; a implementação das ações recomendadas; a publicação do Sumário Executivo e do Livro do PAN; e o acompanhamento sistemático da execução do plano por meio de um processo de monitoria e refinamento contínuo, a ser executado por um Grupo Assessor. Essas etapas podem ser divididas em 12 passos, segundo o ICMBio. Entretanto, para este Plano de Ação, o rito definido pela IN ICMBio 25/2012 não será seguido em sua integralidade, em função das definições contidas na Nota Técnica nº 6/2017/CTBio/DIBIO/ICMBio.

O presente documento, embora não seja um Plano de Ação Nacional nos moldes do ICMBio, refere-se aos passos 2 a 4 de seu processo de elaboração conforme pode ser visualizado na Figura 1, a seguir. Ressalta-se que após realizadas estas etapas, será dado prosseguimento ao Plano de Ação através da preparação e execução das oficinas.

Figura 1- Etapas constituintes do Plano de Ação para Conservação da Fauna e Flora Terrestres afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana, Minas Gerais



Fonte: Bicho do Mato Instituto de Pesquisa, 2018.

2. INTRODUÇÃO

A barragem de rejeitos de Fundão pertence à empresa Samarco Mineração S.A (Samarco) e está localizada no Complexo Industrial de Germano, no município de Mariana/MG. Em 05 de novembro de 2015 essa barragem se rompeu e liberou cerca de 44 milhões de metros cúbicos de água e rejeito. Esse material se deslocou ao longo do córrego Santarém e dos rios Gualaxo do Norte, Carmo e Doce, fluindo até o oceano. Nesse trajeto, dentre os diversos impactos gerados, têm-se os danos sobre os ecossistemas terrestres, principalmente nas áreas localizadas nas margens dessas drenagens.

Como parte dos processos que recaíram sobre a empresa Samarco e suas acionárias, Vale e BHP Billiton, em 03 de dezembro de 2015 o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), através da Notificação 678322-E, demandou a elaboração de proposta metodológica para o Programa de Avaliação dos Impactos e Monitoramento de Populações e Comunidades da Fauna Terrestre no Estado do Espírito Santo, que posteriormente teve seu escopo ampliado para o Estado de Minas Gerais por meio do Ofício nº 02009.001748/2016-41 do IBAMA.

Em março de 2016, como forma de otimizar a gestão sobre a situação das áreas e populações afetadas, foram desenvolvidos junto às autoridades ambientais planos e procedimentos em resposta aos impactos ambientais resultantes do rompimento da barragem de Fundão, que gerou o Termo de Transação e Ajustamento de Conduta (TTAC), celebrado entre autoridades ambientais, Samarco Vale e BHP Billiton. O TTAC contém diversas cláusulas a serem atendidas, sendo a Fundação Renova a responsável por sua condução.

A cláusula 168 deste TTAC, assim como a Notificação 678322-E, refere-se à identificação e caracterização dos impactos decorrentes do evento sobre as espécies terrestres ameaçadas de extinção na Área Ambiental 1. Ainda, dentro desta cláusula e de acordo com os resultados encontrados, a Fundação Renova deve apresentar um Plano de Ação para conservação da flora e fauna terrestres. Para atendimento ao *caput* da cláusula 168 foi contratada a empresa Golder Associates Brasil Consultoria e Projetos Ltda. (Golder), que elaborou o estudo de avaliação de impactos e apresentou proposta metodológica para validação das hipóteses levantadas, protocolado junto aos órgãos ambientais em dezembro de 2016.

Neste contexto, em 04 de agosto de 2017 foi emitida a Deliberação nº 91 do CIF, que aprova parcialmente o estudo elaborado pela Golder e solicita a apresentação de Plano de Trabalho para elaboração do Plano de Ação para conservação da fauna e flora terrestre, com base nas recomendações da Nota Técnica 02/2017/CTBio/CIF. Este documento foi protocolado em 13 de setembro de 2017, acompanhado do ofício nº SEQ 2585-03/2017/GJU.

Foi solicitada uma revisão do plano de trabalho do Plano de Ação pela deliberação CIF 132, de acordo com a Nota Técnica nº 6/2017/CTBio/DIBIO/ICMBio. Esta revisão foi protocolada no dia 22 de dezembro de 2017, acompanhado do ofício nº OFI.NII.122017.1812.

Dando continuidade a este processo, em dezembro de 2017 a Fundação Renova contratou a Bicho do Mato Instituto de Pesquisa para a elaboração do Plano de Ação para a conservação da fauna e flora terrestres afetados pelo rompimento da barragem de Fundão. Dessa forma, considerando as etapas definidas na elaboração de um Plano de Ação Nacional, e conforme já indicado anteriormente, este documento refere-se à minuta dos objetivos e levantamento de dados e informações relevantes para elaboração do Plano de Ação para a conservação da fauna e flora terrestres afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana, Minas Gerais.

Os Planos de Ação Nacionais são instrumentos de gestão, construídos de forma participativa, a serem utilizados para ordenamento das ações para a conservação de seres vivos e ambientes naturais, com objetivo definido em escala temporal. A elaboração, aprovação, publicação, acompanhamento da implementação, monitoria, avaliação e revisão deste Plano de Ação utilizará as diretrizes estabelecidas na Instrução Normativa nº 25 do ICMBio, de 12 de abril de 2012, como um referencial teórico, e terá seus objetivos e etapas metodológicas adaptadas à situação específica da solicitação de um Plano de Ação para conservação das espécies de fauna e flora terrestre impactadas devido ao rompimento da barragem, conforme solicitado no (TTAC) e na Nota Técnica nº 6/2017/CTBio/DIBIO/ICMBio.

A elaboração de um Plano de Ação deve ser orientada pela necessidade de mudança do estado de conservação das espécies, com definição clara dos cenários desejáveis, objetivos, metas e ações factíveis; deve ter identificação de atores e suas responsabilidades, envolvendo os tomadores de decisão e setores interessados. Para atingir as metas estabelecidas deve definir



indicadores que serão os parâmetros para aferição do alcance do patamar estabelecido e dos procedimentos necessários para o efetivo monitoramento da implementação do plano.

3. OBJETIVO

3.1. Objetivo geral

Atender os passos acima mencionados para a elaboração do Plano de Ação para conservação de espécies de fauna e flora terrestre na região afetada pelo rompimento da barragem de Fundão, especificamente visando o levantamento das informações e principais atores envolvidos para subsidiar discussões nas oficinas de planejamento participativo edesenvolvimento das etapas seguintes.

3.2. Objetivos específicos

- Relatar informações levantadas até o momento das principais ameaças sobre o território e espécies alvo do Plano de Ação;
- Indicar abordagem metodológica a ser adotada nas oficinas do Plano de Ação;
- Apresentar lista de sugestões de pesquisadores, representantes de organizações governamentais e não-governamentais, sociedade civil e pessoas físicas aptas a participarem das oficinas

4. LEVANTAMENTO E ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

4.1. Método adotado para levantamento e organização das informações

A Instrução Normativa do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) nº 25, de 12 de abril de 2012, que disciplina os procedimentos para a elaboração, aprovação, publicação, implementação, monitoria, avaliação e revisão de planos de ação nacionais para conservação de espécies ameaçadas de extinção ou do patrimônio espeleológico, define em seu Art. 5º:

“A etapa de levantamento e organização das informações para elaboração do PAN deverá ser coordenada pelo Centro de Pesquisa e Conservação e poderá contar com o apoio de pesquisadores e outras instituições.”

Para este Plano de Ação, em função da atual ausência de amostragens na área, foram utilizados como fonte de levantamento de informações, os seguintes procedimentos:

- Levantamento das espécies potencialmente presentes na Área Ambiental I através de dados secundários, baseados no documento gerado pela Golder (2016) (ANEXO I);
- Levantamento dos danos e ameaças decorrentes do rompimento da barragem de Fundão, baseados no documento gerado pela Golder (2016); e
- Levantamento de informações sobre estes danos e ameaças sobre as espécies através de elaboração de um questionário (ANEXO II), distribuídos entre pesquisadores com conhecimento das espécies da fauna e flora ameaçadas e/ou da região (rio Doce) (ANEXO III)

Foi levantada, também, a possibilidade de exclusão e/ou inserção de espécies. No caso da incorporação de outras espécies ainda não mapeadas, serão considerados os casos em que pesquisadores entendam como relevante a incorporação destas em função de possíveis ameaças decorrentes do rompimento da barragem de Fundão na Área Ambiental I, sendo, esta situação, justificada através do questionário. No caso da exclusão de alguma espécie, o procedimento será o mesmo.

5. RESUMO DAS ESPÉCIES ALVOS DESTE PLANO DE AÇÃO

No estudo de “Avaliação de Impacto Sobre as Espécies Terrestres Ameaçadas de Extinção” (GOLDER, 2016), foram registradas 346 espécies terrestres ameaçadas de extinção e ou constantes na lista CITES ocorrentes ou potencialmente ocorrentes na área de abrangência deste Plano de Ação e que foram potencialmente impactadas pelo rompimento da barragem de Fundão.

Essas espécies e ambientes elencados como alvos de conservação¹ deverão ter ações específicas previstas neste plano, e foram divididos nos seguintes grandes grupos:

Foram registradas 147 espécies de vertebrados divididos da seguinte maneira:

- Classe Mammalia: 41 espécies ameaçadas distribuídas nas ordens Carnívora (12 espécies), Chiroptera (nove espécies), Primate (sete espécies), Rodentia (cinco espécies), Artiodactyla, Cingulata e Didelphimorphia com duas espécies cada, Perissodactyla e Pilosa com uma espécie cada.
- Classe Aves: 87 espécies ameaçadas distribuídas em 18 ordens e 37 famílias com destaque para a ordem Passeriformes com 34 espécies seguido da Ordem Accipitriformes (10 espécies) e Psittaciformes (oito espécies).
- Classe Amphibia: 4 espécies ameaçadas da ordem Anura.
- Classe Reptilia: 15 espécies ameaçadas distribuídas nas ordens
 - Squamata: sete espécies ameaçadas e quatro espécies na lista CITES
 - Classe Crocodylia: uma espécie na lista CITES
 - Classe Testudine: duas espécies ameaçadas e uma espécie na lista CITES

Em relação aos invertebrados foram registradas 33 espécies divididos nas classes:

- Classe Insecta, Ordem Lepidoptera (borboletas): 11 espécies ameaçadas
- Classe Insecta, Ordem Hymenoptera (abelhas): 7 espécies ameaçadas
- Classe Insecta, Ordem Hymenoptera (formigas): 4 espécies ameaçadas
- Classe Insecta, Ordem Coleoptera (besouros Scarabaeidae): 8 espécies ameaçadas
- Classe Diplopoda, Ordem Polydesmida: 3 espécies ameaçadas

Em relação à Flora foram registradas 166 espécies da flora ameaçada de extinção divididas em:

- Angiospermas: 149 espécies ameaçadas e 9 espécies na lista CITES
- Briophyta: 6 espécies ameaçadas
- Pteridophyta: 2 espécies ameaçadas

5.1. Mapeamento das principais ameaças

O Propósito do Plano de Ação apresentou em seu capítulo 6 informações sobre as principais ameaças e oportunidades elencadas inicialmente para a área. Conforme informado neste mesmo documento, para elaboração desse Plano de Ação, será trabalhado o seguinte conceito de “ameaças” conforme usado pelo ICMBio (Renata Azevedo – CPB/ICMBio, comunicação pessoal):

“São fatores que afetam de forma negativa as espécies e ambientes. Podem ser atividades humanas, fatores ambientais ou características próprias, com efeitos negativos diretos ou indiretos sobre os alvos de conservação.”

Entretanto, de forma mais específica, a Golder (2016) descreve as diferentes maneiras pelas quais o rompimento da Barragem de Fundão pode afetar as espécies terrestres ameaçadas de extinção e que devem ser inseridos no escopo dessa proposta.

Esses vetores de impacto, como denominado no documento acima citado, foram divididos em:

- 1) **Perda de ecossistema resultante da erosão e deposição de rejeitos:** segundo Golder (2016) esse vetor inclui a perda de ecossistemas que sustentam espécies terrestres ameaçadas de extinção, em função da ação física da água, rejeitos e detritos na remoção da vegetação e dos solos, e soterramento de ecossistemas presentes antes do rompimento da represa devido à deposição de rejeitos e detritos.
- 2) **Mudança na condição do ecossistema em função da erosão e deposição de rejeitos e detritos:** esse vetor inclui mudanças nos ecossistemas que sustentam espécies terrestres ameaçadas de extinção. Diferente do vetor acima mencionado, os ecossistemas afetados não foram removidos, mas sim impactados.

- 3) **Alterações na conectividade resultantes da perda de ecossistemas ou alterações na condição dos ecossistemas:** as populações das espécies alvo podem ter sofrido perda de conectividade em função de mudanças na disposição espacial de ecossistemas ou em função de dificuldades para a transposição das áreas onde houve a deposição dos rejeitos.
- 4) **Mortalidade causada pela inundação:** mortalidade de indivíduos das espécies alvo causada pela ação física da água, rejeito e detritos.
- 5) **Mortalidade em função da deposição de rejeitos:** mortalidade de indivíduos das espécies alvo causada por atolamento na lama de rejeitos depositada após a enchente provocada pelo rompimento da barragem.
- 6) **Mortalidade ou morbidade por metais e outros químicos liberados no ambiente:** mudança na qualidade da água ou solo pelo aumento das concentrações de metais e outros contaminantes, resultando em efeitos diretos sobre as espécies alvo (que interagem com água e ou solo) ou através de interações tróficas com as espécies afetadas.
- 7) **Sobrevivência ou sucesso reprodutivo reduzidos devido a alterações nas cadeias alimentares a partir dos ambientes aquáticos:** mudanças na abundância de organismos aquáticos, comunidades de plantas ou populações de animais terrestres podem ter afetado negativamente as espécies alvo através da alteração da disponibilidade de recursos.
- 8) **Efeito sobre o sucesso reprodutivo das plantas em função de alterações na abundância de polinizadores provenientes de ambientes aquáticos:** redução de populações de polinizadores provenientes de ambientes aquáticos afetados podem reduzir o sucesso reprodutivo das espécies de plantas alvo desse Plano de Ação.
- 9) **Redução na eficiência de forrageamento em função de alterações na qualidade da água (ex: aporte de sedimentos):** mudanças nas propriedades físicas da água em função do aumento da carga de sedimentos podem reduzir a eficiência de forrageamento para certas espécies terrestres ameaçadas de extinção que se alimentam na água.

Além disso, a perda ou diminuição populacionais podem ter afetado as interações entre espécies que podem levar a cascata trófica (PAINE, 1980), ou seja um efeito indireto que um

nível trófico exerce em demais níveis tróficos através do efeito direto em níveis tróficos intermediários. Essa cascata trófica pode ter consequências negativas para as espécies alvo.

Os Vetores descritos acima afetam principalmente a área próxima ao rompimento da Barragem de Fundão e seus impactos vão diminuindo à medida que se aproximam do Oceano Atlântico.

Considerando o grande número de espécies dentro do escopo dessa proposta (346 espécies de diversos grupos taxonômicos) e que uma mesma ameaça pode afetar negativamente várias espécies de maneira semelhante, o Plano de Ação irá focar em ações de redução/mitigação de ameaças e não em ações específicas para espécies, a não ser em casos peculiares.

5.2. Resultados preliminares dos questionários aplicados

Para consulta aos especialistas, primeiramente foi realizada uma compilação de profissionais aptos a responderem o questionário como pesquisadores, professores e consultores. Este levantamento foi realizado pela equipe base, especificamente coordenadores temáticos e do Plano de Ação e originou uma listagem mestre de colaboradores.

Na sequência, foram mapeados nesta listagem aqueles que preferencialmente (i) desenvolvem ou desenvolveram pesquisas na bacia do rio Doce, (ii) trabalham ou trabalharam em projetos de outra natureza na bacia do rio Doce, (iii) curadores de coleções científicas que possuem exemplares representativos da área e (iv) professores de universidades da região.

Após este mapeamento, procedeu-se com o contato a cada um deles, via e-mail, para aplicação do questionário (o Anexo III aponta os profissionais contactados e em processo de contato para aplicação do questionário).

Abaixo é apresentado resultados preliminares obtidos até 02 de maio de 2018. Por razões estratégicas para aqueles que solicitaram que as respostas fossem encaminhadas após essa data, a coordenação do Plano de Ação optou por aceitar, tendo em vista a importância dessas informações para as oficinas. Assim sendo, até quinze dias antes da primeira oficina será dada a oportunidade aos pesquisadores de responderem o questionário.

Foram distribuídos os questionários a 185 colaboradores, sendo 81 deles para especialistas de flora, 34 para a Avifauna, 31 de Mastofauna, 24 de Invertebrados e 14 de Herpetofauna. Dos questionários aplicados até o momento, foram obtidas 31 respostas, sendo uma de Herpetofauna, duas da Avifauna, seis de Mastofauna e 20 da Flora.

A análise das informações obtidas nas fichas disponibilizadas até o momento permitiu mapear os vetores já citados no documento da Golder (2016), sendo todos eles citados ao longo das fichas. Os mais indicados até o momento, listados em 11 fichas cada, foram:

- Mudança na condição do ecossistema em função da erosão e deposição de rejeitos e detritos; e
- Perda de ecossistema resultante da erosão e deposição de rejeitos

Além dos vetores indicados, obteve-se a sugestão de outros, como criação de barreiras artificiais que podem influenciar no fluxo gênico natural entre os indivíduos de uma mesma espécie, dentre outros.

Para todos os vetores acima indicados, foram mapeadas 22 duas ações e sugestões para mitigar, remediar e ou compensar os danos acima citados, tendo destaque a remediação e recuperação de ambientes, ações de conservação de áreas prioritárias, inventário e monitoramento da área afetada e seu entorno, plantio das áreas desmatadas com espécies nativas.

6. PLANEJAMENTO DAS OFICINAS

Nos itens abaixo são mencionadas as informações gerais, objetivo, roteiro e programação a serem adotadas no Comitê de Definição dos Objetivos na Oficina de Planejamento Participativo que será realizada em Belo Horizonte nos dias 6 a 9 de agosto de 2018. Previsivelmente será realizada reunião com o Comitê de Definição dos Objetivos.

Ressalta-se que a proposta ora apresentada é passível de alteração, caso as diferentes equipes envolvidas (Fundação Renova, Bicho do Mato Instituto de Pesquisa, CTBio e CIF) entendam, em comum acordo, que a incorporação, exclusão ou alteração de um item como necessário.

6.1. Informações Gerais

- Quantidade e Datas das Oficinas:
 - a) Oficina de Planejamento Participativo
 - Encontro do Comitê para a definição dos objetivos: em MG (entre 18 de junho)
 - Oficina de Planejamento: localidade em definição, podendo ocorrer em MG ou no ES (06 a 09 de Agosto de 2018);
 - b) Oficina de Matriz de Metas e Indicadores: em MG (de 16 a 18 de outubro de 2018).

- Equipe de coordenação da oficina:
 - o Leonardo de Carvalho Oliveira;
 - o Fernanda Lira Santiago; e
 - o Cristiane Cäsar Damas.

- Facilitador/Moderador:
 - o Maria Auxiliadora Drumond

- Relatores:
 - o Fernanda Lira Santiago;
 - o Cristiane Cäsar Damas;
 - o Karla Leal;
 - o Alessandro Dornellas;
 - o Tarcísio Duarte;
 - o Gabriel Horta; e
 - o Ana Paula Otoni Silva.

6.2. Objetivo da Oficina

Elaborar, de forma participativa, o Plano de Ação para conservação da fauna e flora terrestre afetadas pelo rompimento da barragem de fundão em Mariana, Minas Gerais, com ações tangíveis e pragmáticas que reflitam uma melhoria na conservação da biodiversidade dentro do escopo do Plan de Ação e com compromissos estabelecidos para sua implantação no período a ser estabelecido de acordo com as metas definidas nas oficinas.

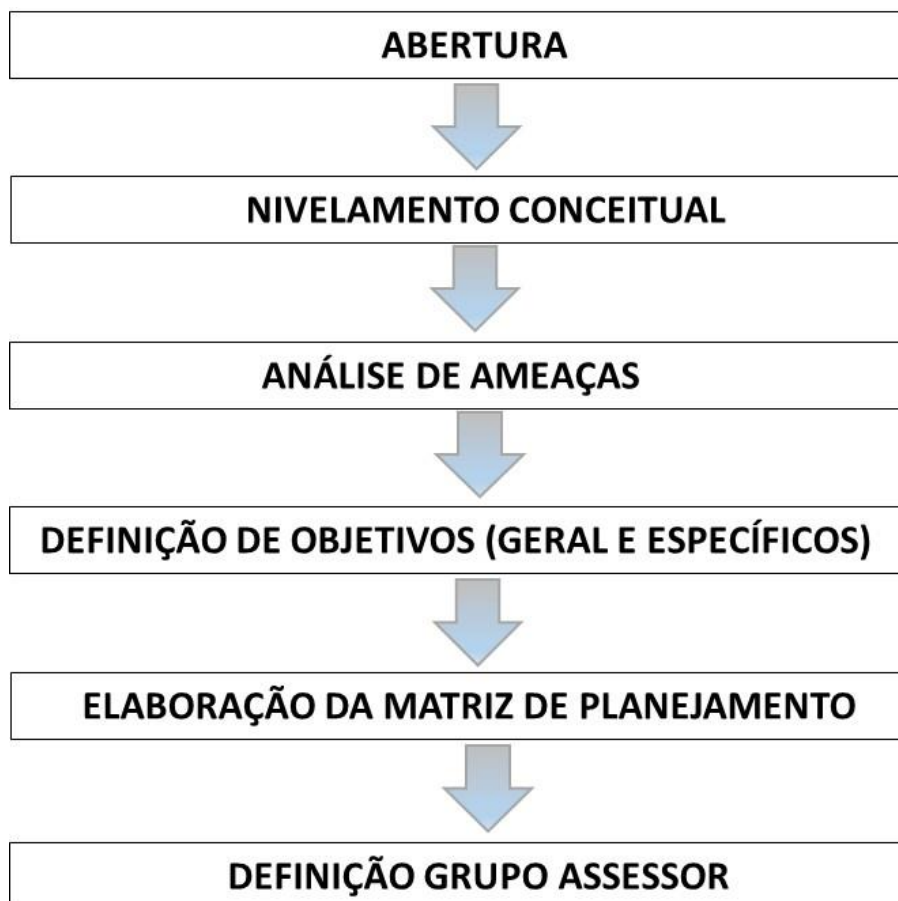
6.3. Abordagem Metodológica

A abordagem metodológica será via planejamento participativo com diferentes atores, permitindo maior envolvimento e comprometimento dos participantes com os objetivos a serem alcançados, estimulando-os a trabalhar em equipe.

6.4. Roteiro de Trabalho

A oficina será realizada em seis etapas de trabalho, seguido do encerramento, conforme apresentado esquematicamente na figura abaixo e detalhado a seguir.

ETAPAS DA OFICINA



- **ETAPA 1 – ABERTURA**

A abertura é o momento em que se dará as boas-vindas aos participantes, destacando a relevância do planejamento participativo, a importância do comprometimento de todos para o sucesso do Plano de Ação. A abertura da oficina será realizada pelo Coordenador do Plano de Ação e diretor científico do Bicho do Mato Instituto de Pesquisa. Em seguida, o facilitador (res) será apresentado aos participantes. Nessa etapa, dá-se início a oficina.

- **ETAPA 2 – NIVELAMENTO (Conceitual e Metodológico)**

O nivelamento tanto conceitual quanto metodológico deverá ser feito através de apresentações expositivas para que todos os participantes tenham referências comuns para orientá-los ao longo das discussões da oficina de elaboração do Plano.

Para isso, serão feitas apresentações relevantes à temática do Plano de Ação e apresentações institucionais com as bases conceituais utilizadas pelo ICMBio para o desenvolvimento dos Planos de Ação. Espera-se que ao final dessa etapa, o grupo esteja nivelado quanto à temática e processo do Plano de Ação.

- **ETAPA 3 – ANÁLISE DE AMEAÇAS**

A análise de ameaças é o passo norteador para a elaboração de um plano de ação. É a partir dela que os objetivos são estabelecidos e as ações estruturadas. Para isso, as ameaças devem ser claras, específicas e, preferencialmente, localizadas geograficamente ao longo do escopo do Plano de Ação. Uma apresentação prévia sobre as ameaças elencadas por especialistas será feita aos participantes (via exposição ou material impresso).

Para a realização dessa etapa, os participantes serão convidados e formarem pequenos grupos e a elencar de dois a quatro impactos/ameaças à Biodiversidade afetada pelo rompimento da barragem.

Posteriormente, será feita uma priorização das ameaças. As respostas do exercício acima serão organizadas de acordo com os temas ou linhas temáticas e apresentadas a plenária, que deverá chegar ao consenso de quais são as principais ameaças para a biodiversidade afetada pelo rompimento da barragem. Ao final dessa etapa, espera-se que as ameaças/impactos estejam identificadas e priorizadas.

- **ETAPAS 4 – DEFINIÇÃO DOS, OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO PLANO DE AÇÃO**

Para elaboração desse Plano de Ação, trabalharemos com os seguintes conceitos de objetivo geral e objetivo específico:

Objetivo geral: deve expressar a situação do alvo de conservação (espécies ou ambientes) ao final do Plano de Ação. Deve representar uma mudança positiva no estado ou condição do alvo de conservação.

Para isso, o objetivo geral deve seguir os seguintes critérios:

- A) **Estar ligado ao alvo de conservação:** ser escrito em termos de um ou mais **atributos ecológicos chave;*

- B) **Ser orientado ao impacto:** representa o estado futuro desejado para o alvo de biodiversidade a longo prazo
- C) **Ser limitado no tempo:** definível dentro de um período específico de tempo, no caso do Plano de Ação até o final do mesmo;
- D) **Ser mensurável:** definível em relação a uma escala padrão (números, porcentagens, frações);
- E) **Ser específico:** claramente definido de modo que todos os envolvidos compreendam igualmente o significado dos seus termos.

Objetivo específico: Representa o resultado intermediário para a superação das ameaças aos alvos de conservação, devendo ser mensurável e exequível, contribuindo decisivamente para alcançar o objetivo geral do plano. Os objetivos específicos (ou metas) tem que ser dimensionados para um prazo menor do que o de execução do Plano de Ação.

Para isso os objetivos específicos devem seguir os seguintes critérios:

- A) **Ser orientado ao resultado:** específica às mudanças necessárias nas ameaças críticas e outros fatores que afetam um ou mais alvos de conservação ou objetivos
- B) **Mensurável:** definida em relação a uma escala padrão (números, porcentagem, frações, ou estados de tudo/nada)

** Características do alvo que indicam se o alvo está saudável*

- C) **Limitada pelo tempo:** atingível dentro de um período específico de tempo (**necessariamente antes do objetivo geral**).
- D) **Específica:** definida claramente para que todas os participantes tenham o mesmo entendimento do seu significado.
- E) **Prática:** atingível e adequada ao contexto local do Plano de Ação.

Apesar de contemplada na Etapa 4 da programação do evento, a definição dos objetivos será realizada previamente em Junho, quando for realizado o encontro do Comitê de Definição dos Objetivos. Logo, para a Oficina de Planejamento Participativo propriamente dito, será reapassado os objetivos mapeados e avaliado se será incorporado ou excluído algum dos deles. Espera-se, dessa maneira, que ao final dessa etapa tanto o objetivo geral e os objetivos específicos estejam estabelecidos.

Para a realização dessa etapa os participantes serão divididos em grupos para a discussão dos objetivos geral e específicos segundo os critérios acima mencionados. Adotaremos a dinâmica do “World café” desenvolvido por Brown & Issacs (2005) que visa gerar e fomentar diálogos entre os indivíduos, e a partir de aí criar uma rede de diálogo colaborativo que acessa e aproveita a inteligência coletiva para responder questões de grande relevância para organizações e comunidades. No contexto do Plano de Ação iremos dividir os participantes em grupos para elaboração do objetivo geral (um grupo) e objetivos específicos (demais grupos). A dinâmica consistirá em a cada período de tempo (20 – 40 minutos), os participantes devem mudar de grupo de forma aleatória. Para registrar e repassar as discussões dos diferentes grupos, uma pessoa é escolhida como relatora e deve permanecer no mesmo grupo ao longo da etapa. Ao término da última rodada, quando todos os participantes passarem por todas os grupos, os participantes voltam para plenária, cada relator apresenta a síntese das discussões e as propostas estabelecidas para consenso da plenária.

- **ETAPA 5 – CONSTRUÇÃO DA MATRIZ DE PLANEJAMENTO**

Matriz de Planejamento é um quadro que organiza as ações a serem realizadas para atingir os objetivos traçados no Plano de Ação. As ações (veja definição abaixo) devem ser estruturadas em relação ao: 1) produto será gerado ao seu término; 2) a data de início e de conclusão; 3) quem articulará a ação; 4) quem são os colaboradores; e 5) e a estimativa dos custos para sua execução.

Para execução dessa etapa, os participantes serão divididos em grupos adotando critérios como o domínio e a atuação do participante em cada uma das linhas temáticas (ameaças). Espera-se que ao final da oficina as ações e seus responsáveis estejam apresentadas na matriz de planejamento. A estrutura da Matriz de Planejamento e os conceitos seguindo modelo ICMBio são apresentados a seguir:

Quadro 1 – Estrutura geral da matriz de planejamento

NOME DO PLANO DE AÇÃO:											
OBJETIVO GERAL DO PLANO DE AÇÃO:											
OBJETIVO ESPECÍFICO:											
Nº	Ação	Produto	Resultados Esperados	Período		Articulador	Custo Estimado (R\$)	Colaboradores	Localização		Observações
				Início	Fim				Localidades	Área de relevância	

Definições dos termos da Matriz de Planejamento:

Objetivo Geral do Plano de Ação: deve expressar a situação do alvo de conservação (espécies ou ambientes) ao final do Plano de Ação. Deve representar uma mudança positiva no estado ou condição do alvo de conservação no período final de 5 anos.

Objetivo Específico: representa o resultado intermediário para a superação das ameaças aos alvos de conservação, devendo ser mensurável e exequível, contribuindo decisivamente para alcançar o objetivo geral do Plano de Ação. Tem que ser dimensionado num prazo menor do que o de execução do Plano de Ação.

Ação: É o que dever ser feito para alcançar os objetivos específicos, buscando reverter às ameaças ou fatores contribuintes associadas a estes. A ação deve ser específica, mensurável, exequível em período definido e estar situada dentro da esfera de atribuições e competência dos participantes da oficina de planejamento. Se possível, deverá ser indicado onde o responsável a ação será realizada.

Produto: Aquilo que é obtido pela realização da ação. Deve ser mensurável, tangível e comprovar a execução da ação.

Período: Data de início e término da implementação da ação. Deve ser indicado mês e ano.

Articulador: Instituição e pessoa responsável por articular a implementação da ação e apresentar o produto. O articulador deverá, preferencialmente, estar presente na oficina de planejamento. Poderá haver a substituição do articulador em concordância com o Grupo Assessor.

Colaboradores: Pessoas/instituições co-responsáveis pela execução da ação, que auxiliam nas diferentes etapas de sua implementação. Preferencialmente, os colaboradores deverão estar presentes na oficina de planejamento, caso contrário, esses deverão ser considerados *Colaborador potencial” até que sua participação seja confirmada. Poderá haver a alteração dos colaboradores pelo Coordenador do Grupo Assessor, em concordância com os demais membros do Grupo.

Custo estimado: Estimativa dos recursos financeiros necessários para a implementação da ação. A indicação dos custos no plano de ação é importante para dimensionar volume de recursos a serem captados para sua implementação.

Observação: Inserir, quando necessário, informações relevantes à execução da ação.

- **ETAPA 6 – DEFINIÇÃO DO GRUPO ASSESSOR**

Segundo a IN nº 25 de 2012 o grupo assessor tem como propósito monitorar a execução das ações, consolidar informações na Matriz de Monitoria e propor ajustes e adequações no Plano de Ação ao longo de sua execução (IN). É normalmente formado pelo Coordenador do Plano de Ação e membros convidados de diferentes organizações.

O Grupo Assessor será definido em plenária, no final da oficina. É importante eleger um membro titular e outro suplente. Para a definição do grupo assessor, o facilitador ou o coordenador deverá apresentar aos participantes o papel do grupo assessor no acompanhamento da execução das ações do Plano de Ação e suas respectivas atribuições. A partir das ações definidas em cada um dos objetivos específicos o facilitador poderá identificar participantes da oficina que articulam um maior número de ações. Sugere-se que o grupo assessor seja composto por um representante de cada objetivo específico, preferencialmente aquele que articula um maior número de ações naquele determinado objetivo específico. Adicionalmente, o grupo deverá conter um coordenador executivo, geralmente um especialista no grupo. Os participantes poderão identificar ainda outros representantes de linhas temáticas relevantes (p. ex. biomas, táxons) que poderão compor também o grupo assessor. O ideal é que todos os membros do grupo assessor estejam presentes na oficina. Ao final dessa etapa, espera-se que o grupo assessor do Plano de Ação esteja estabelecido e ciente de suas atribuições.

Encerramento da oficina (Encaminhamentos, avaliação e encerramento).

Os momentos finais da oficina são destinados ao estabelecimento de encaminhamentos, à avaliação pelos participantes e ao encerramento do evento. Para encerrar a oficina, o facilitador ou coordenador apresentará aos participantes as próximas etapas do processo de elaboração do Plano de Ação, desde a publicação das portarias, sumário executivo, livro até as monitorias anuais e a revisão de meio termo. É importante identificar entre os participantes aqueles que poderão contribuir neste processo, além do grupo assessor, especialmente no tocante às publicações (sumário executivo e livro), informando sobre autoria e prazos. Ao final dessa etapa, deverão estar definidos os prazos para ajustes finais na matriz (via rodada virtual), textos para elaboração do sumário executivo, fotos e logomarcas das instituições participantes do Plano de Ação, além dos autores de capítulos do livro e prazos para entrega dos manuscritos definidos. Uma avaliação sobre a oficina deverá ser feita pelos participantes no intuito de ajustar/adaptar sua dinâmica para os próximos encontros.

6.5. Programação Sugerida

DIA 1	
8:30 às 9:00	Abertura
9:00 às 10:00	Rodada de apresentação (Plenária) Agenda Acordos de trabalho (Plenária)
10:00 às 10:15	Intervalo
10:15 às 11:15	Contextualização sobre a biodiversidade ameaçada de extinção dentro do escopo do Plano de Ação (Plenária)
11:00 às 11:30	
11:30 às 12:12	Contextualização sobre as ameaças à biodiversidade dentro do escopo do Plano de Ação (Plenária)
12:30 às 13:45	Almoço
14:00 às 14:15	Ameaças à biodiversidade (Plenária)
14:20 às 14:35	Ameaças à biodiversidade (Grupos)
14:40 às 14:55	Ameaças à biodiversidade (Plenária)
15:20 às 15:45	Identificação das AMEAÇAS (Plenária)
15:45 às 16:00	Intervalo
16:00 às 17:00	Consolidação das AMEAÇAS (Plenária)
17:00 às 18:00	Apresentação do OBJETIVO GERAL pré-definido e definição final do OBJETIVO GERAL
DIA 2	
8:30 às 10:00	Apresentação do OBJETIVO GERAL definido. Apresentação do OBJETIVOS ESPECÍFICOS pré-definidos e definição final do OBJETIVO ESPECÍFICOS (Plenária)
10:00 às 10:15	Intervalo
10:15 às 12:00	Definição das AÇÕES (Grupos)
12:00 às 13:30	Almoço
14:00 às 15:45	Definição das AÇÕES (Grupos)
15:45 às 16:00	Intervalo
16:00 às 18:00	Definição das AÇÕES (Grupos)
DIA 3	
8:30 às 10:00	Definição das AÇÕES (Grupos)

10:00 às 10:15	Intervalo
10:15 às 12:00	Definição das AÇÕES (Grupos)
12:00 às 13:30	Almoço
14:00 às 15:45	Definição das AÇÕES (Plenária)
15:45 às 16:00	Intervalo
16:00 às 18:00	Detalhamento das AÇÕES (Plenária)
DIA 4	
8:30 às 10:00	Formação do Grupo de Assessoramento Técnico do Plano de Ação (Plenária)
10:00 às 10:15	Intervalo
10:15 às 12:00	Acordos finais para Publicação do sumário, monitoria e implementação do Plano de Ação (Plenária) Encerramento

6.6. Participantes

6.6.1. Equipe Base

A equipe-base será composta por: coordenador geral, coordenador técnico, moderador/facilitador e equipes de suporte à coordenação e para organização e elaboração do Plano de Ação, além dos participantes das Oficinas de Planejamento Participativo do Plano.

Por meio de parceria feita entre a Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda. e o Instituto de Pesquisa Bicho do Mato, através de Termo de Cooperação Técnico-Científica, será disponibilizada para execução do projeto uma equipe formada pelos profissionais associados ao Instituto e membros da equipe técnica interna da Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda (Quadro 2).

Quadro 2 – Equipe Base para Execução das Atividades Referentes ao Plano de Ação

NOME	FORMAÇÃO	INSTITUIÇÃO	FUNÇÃO	LINK CURRÍCULO LATTES
Gestão e Coordenação				
Edeltrudes M. V. C. Câmara (Tudy Câmara)	Bióloga Msc. Zoologia de Vertebrados	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa (BMIP) / Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda. Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ) / Diretor Científico	Coordenação Geral	http://lattes.cnpq.br/1460392536766198
Leonardo de Carvalho Oliveira	Biólogo Pós-Doc. Ecologia	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa (BMIP)	Coordenação Técnica do Projeto	http://lattes.cnpq.br/7477378276523934
Fernanda Lira Santiago	Bióloga Msc. Engenharia Ambiental	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa (BMIP) / Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda.	Apoio à Coordenação	http://lattes.cnpq.br/1738919438682845
Karla Patrícia Gonçalves Leal	Bióloga Msc. Ecologia Aplicada	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa (BMIP) / Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda.	Apoio à Coordenação	http://lattes.cnpq.br/7378954393450430
Cristiane Cäsar C. Damas	Bióloga Dr. Comportamento Animal	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa / Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda. / Museu de Ciências Naturais PUC Minas	Apoio à Coordenação	http://lattes.cnpq.br/5912804245760641

NOME	FORMAÇÃO	INSTITUIÇÃO	FUNÇÃO	LINK CURRÍCULO LATTES
Maria Auxiliadora Drumond	Bióloga Dr. Ecologia Aplicada	Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Mediadora / Facilitadora das Oficinas	http://lattes.cnpq.br/8054435761140226
Flora				
João Augusto Alves Meira Neto	Biólogo Dr. em Biologia Vegetal	Professor titular, Universidade Federal de Viçosa (UFV)	Flora	http://lattes.cnpq.br/9700813002549585
Nina Pougy Monteiro	Bióloga Msc. Práticas de Desenvolvimento Sustentável	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa (BMIP)	Flora	http://lattes.cnpq.br/6367038848489408
Invertebrados				
Yasmine Antonini	Bióloga Dr. Em Ecologia	Professora Associada na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)	Entomofauna	http://lattes.cnpq.br/0659652780412780
Glória Ramos Soares	Bióloga Dr. Em Ecologia	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa (BMIP)	Entomofauna	http://lattes.cnpq.br/4653773242430969
Herpetofauna				
Renato Neves Feio	Biólogo Dr. em Zoologia	Professor titular, Universidade Federal de Viçosa (UFV)	Herpetofauna	http://lattes.cnpq.br/7484740292456570

NOME	FORMAÇÃO	INSTITUIÇÃO	FUNÇÃO	LINK CURRÍCULO LATTES
Gabriel de Freitas Horta	Biólogo Msc. Biologia Animal	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa (BMIP) / Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda.	Herpetofauna	http://lattes.cnpq.br/7681713390573181
Avifauna				
Guilherme Henrique Silva de Freitas	Biólogo Dr. em Ecologia	Pesquisador Voluntário do Laboratório de Ornitologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Avifauna	http://lattes.cnpq.br/4829855773355001
Lílian Mariana Costa	Bióloga Dr. em Ecologia	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa (BMIP)	Avifauna	http://lattes.cnpq.br/0030762462124632
Mastofauna				
Cristiane Cäsar Coelho Damas	Bióloga Dr. Comportamento Animal	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa (BMIP) / Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda. / Museu de Ciências Naturais PUC Minas	Mamíferos de Médio e Grande Porte/Primates	http://lattes.cnpq.br/5912804245760641
Edsel Amorim Moraes Júnior	Biólogo Msc. Zoologia de Vertebrados	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa (BMIP) / Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda.	Mamíferos de Médio e Grande Porte	http://lattes.cnpq.br/0573235693971677
Gisele Mendes Lessa del Giúdice	Bióloga Dr. em Zoologia de Vertebrados	Professora Adjunta da Universidade Federal de Viçosa (UFV)	Mamíferos Terrestres de Pequeno Porte	http://lattes.cnpq.br/7649927206878955

NOME	FORMAÇÃO	INSTITUIÇÃO	FUNÇÃO	LINK CURRÍCULO LATTES
Fábio de Carvalho Falcão	Biólogo Dr. em Ecologia	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa (BMIP) / Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda.	Mamíferos Voadores	http://lattes.cnpq.br/5409022408796905
Tarcísio de Souza Duarte	Biólogo Msc. Biologia Animal	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa (BMIP) / Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda.	Mamíferos Voadores	http://lattes.cnpq.br/5917294030517034
Geoprocessamento				
Rafael Liberal Ferreira	Geógrafo Especialista SIG	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa (BMIP) / Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda.	Geoprocessamento	http://lattes.cnpq.br/1676273476324091
Valdionor Gomes da Silva Júnior	Geógrafo	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa (BMIP) / Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda.	Geoprocessamento	http://lattes.cnpq.br/0594015547177195
Natália Câmara Bichara	Arquiteta/ Engenheira Civil	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa (BMIP) / Bicho do Mato Meio Ambiente Ltda.	CAD e produção de mapas	

6.6.2. Demais participantes

Para cada oficina, tem-se uma estimativa da participação de cerca de 60 pessoas, incluindo a equipe base responsável pela execução deste Plano de Ação. As definições acerca dos participantes destas oficinas vêm sendo realizada através do mapeamento dos principais *stakeholders* como pesquisadores com experiência no rio Doce, representantes de de órgãos públicos federais e estaduais (Ibama, ICMBio, IEF, IEMA, polícias estaduais).. Associações, ONGs, Gestores das Unidades de Conservação e demais instituições atuantes na região também serão convidadas, como o comitê de bacias, por exemplo.

O mapeamento contendo os nomes destes representantes vêm sendo realizado pelo BMIP e Fundação Renova. Abaixo, encontra-se listados as principais instituições que serão convidadas:

- Órgãos Federais: IBAMA, ICMBio, CBP, CENAP, CEMAVE, RAN, JBRJ.
- Órgãos Estaduais: IEMA, IEF, Polícia Militar do Espírito Santo (preferência por representante da polícia ambiental do Estado), Polícia Militar de Minas Gerais (preferência por representante da polícia ambiental do Estado).
- Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio Doce
- Gestores de Unidades de Conservação: PE do rio Doce, PE Sete Salões, FLONA de Goytacazes, REBIO Comboios e RPPNs.
- Associação de municípios.
- Universidades e instituições de pesquisa: UFMG, UFV, UFOP, UFES, FZB-BH, Museu Mello Leitão e Museu de Ciências Naturais PUC Minas (ver listagem de pesquisadores mapeados no ANEXO V)
- ONGs: Instituto Terra, Biodiversitas, Instituto Primatas, Ipema, Pró-raptor, SOS Mata Atlântica, Fundação O Boticário de Proteção a Natureza, IPÊ.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOLDER ASSOCIATES. Avaliação de impacto sobre as espécies terrestres ameaçadas de extinção. *Relatório técnico*. 2016. 684p.

8. ANEXOS

ANEXO I - ESPÉCIES ALVO DO PLANO DE AÇÃO COM RESPECTIVO *STATUS* DE CONSERVAÇÃO E ALGUMAS CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS

ANEXO II - QUESTIONÁRIO APLICADO

ANEXO III - LISTA DE PESQUISADORES CONVIDADOS PARA RESPONDEREM AO QUESTIONÁRIO

ANEXO IV – LISTA DE PESQUISADORES QUE RESPONDERAM O QUESTIONÁRIO

ANEXO V – LISTA DE PESQUISADORES CONVIDADOS PARA PARTICIPAREM DAS OFICINAS

ANEXO I
Tabela 1 - Espécies da flora ameaçadas de extinção potencialmente afetadas pelo rompimento da Barragem de Fundão. Fonte: Golder (2016)

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Divisão	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	ceae	<i>Aphelandra gigantea</i>	-	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Arbusto	Floresta
Angiospermas	Acanthaceae	<i>Chamaeranthe mum beyrichii</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Acanthaceae	<i>Justicia scheidweileri</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Acanthaceae	<i>Ruellia curviflora</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Arbusto	Floresta
Angiospermas	Acanthaceae	<i>Staurogyne carvalhoi</i>	VU	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Amaryllidaceae	<i>Griffinia colatinensis</i>	CR	-	CR	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i>	-	VU	-	DD	-	Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Árvore	generalista (habitats diversos)

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Annonaceae	<i>Anaxagorea dolichocarpa</i>	-	EN	-	-	-	Amazônia Cerrado Mata Atlântica	Árvore	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Annonaceae	<i>Cymbopetalum brasiliense</i>	-	EN	-	-	-	Amazônia Mata Atlântica	Arbusto Árvore	Floresta
Angiospermas	Annonaceae	<i>Guatteria sellowiana</i>	-	VU	-	-	-	Cerrado Mata Atlântica	Árvore	Campestre/S emidecídua
Angiospermas	Annonaceae	<i>Guatteria villosissima</i>	-	VU	-	-	-	Cerrado Mata Atlântica	Árvore	Campestre/S emidecídua
Angiospermas	Apocynaceae	<i>Marsdenia fontellana</i>	-	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Liana	Floresta
Angiospermas	Araceae	<i>Anthurium longifolium</i>	-	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Erva epífita	Floresta
Angiospermas	Araceae	<i>Dracontioides desciscens</i>	-	EN	-	-	-	Mata Atlântica	Erva	Habitats aquáticos ou

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Araliaceae	<i>Dendropanax cuneatus</i>	-	-	EN	-	-	Amazônia Caatinga Cerrado Mata Atlântica Pantanal	Árvore	Floresta associados a água
Angiospermas	Arecaceae	<i>Euterpe edulis</i>	VU	VU	VU	-	-	Cerrado Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Arecaceae	<i>Syagrus ruschiana</i>	VU	-	VU	LC	-	Mata Atlântica	Erva	Vegetação Sobre Afloramentos Rochosos
Angiospermas	Asteraceae	<i>Aspilia floribunda</i>	-	-	VU	-	-	Caatinga Cerrado Pantanal	Arbusto	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Asteraceae	<i>Conocliniopsis prasiifolia</i>	-	-	VU	-	-	Caatinga Cerrado	Arbusto	Vegetação Sobre Afloramentos Rochosos

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Asteraceae	<i>Dasycondylus resinus</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Arbusto	Floresta/resti ng
Angiospermas	Asteraceae	<i>Lychnophora pinaster</i>	-	VU	-	-	-	Cerrado	Arbusto	Vegetação sobre afloramentos rochosos
Angiospermas	Begoniaceae	<i>Begonia inconspicua</i>	CR	-	RE X	-	-	Mata Atlântica	Liana	Floresta
Angiospermas	Bignoniaceae	<i>Adenocalymma magnoalatum</i>	EN	-	-	-	-	Mata Atlântica	Liana	Floresta
Angiospermas	Bignoniaceae	<i>Handroanthus arianae</i>	EN	-	-	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Bignoniaceae	<i>Paratecoma peroba</i>	EN	-	CR	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Bignoniaceae	<i>Zeyheria tuberculosa</i>	VU	-	-	VU	-	Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Árvore	Campestre/S emidecídua
Angiospermas	Bixaceae	<i>Bixa arborea</i>	-	-	VU	-	-	Amazônia Mata Atlântica	Arbusto Á rvore	Floresta

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Bromeliaceae	<i>Aechmea maasii</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta/restinga
Angiospermas	Bromeliaceae	<i>Alcantarea roberto-kautskyi</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Vegetação Sobre Afloramentos Rochosos
Angiospermas	Bromeliaceae	<i>Billbergia minarum</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Bromeliaceae	<i>Cryptanthus beuckeri</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Bromeliaceae	<i>Dyckia rariflora</i>	EN	-	-	-	-	Cerrado	Erva	Vegetação Sobre Afloramentos Rochosos
Angiospermas	Bromeliaceae	<i>Neoregelia zonata</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Bromeliaceae	<i>Vriesea neoglutinosa</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Restinga

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Burmanniaceae	<i>Miersiella umbellata</i>	-	PE X	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Burseraceae	<i>Trattinnickia ferruginea</i>	EN	-	-	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Burseraceae	<i>Trattinnickia mensalis</i>	EN	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Cactaceae	<i>Lepismium cruciforme</i>	-	-	-	LC	Sim	Mata Atlântica	Erva epífita	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Cactaceae	<i>Lepismium houlettianum</i>	-	-	-	LC	Sim	Mata Atlântica	Erva epífita	Floresta
Angiospermas	Caryocaraceae	<i>Caryocar edule</i>	-	VU	-	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Celastraceae	<i>Tontelea martiana</i>	EN	-	-	-	-	Mata Atlântica	Liana	Floresta
Angiospermas	Chrysobalanaceae	<i>Couepia belemii</i>	VU	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Chrysobalanaceae	<i>Couepia schottii</i>	EN	-	-	VU	-	Mata Atlântica	Árvore	Restinga

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Divisão	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Chrysobalanaceae	<i>Hirtella insignis</i>	EN	-	-	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Chrysobalanaceae	<i>Licania arianeae</i>	EN	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta/restinga
Angiospermas	Connaraceae	<i>Rourea cnestidifolia</i>	EN	PE X	-	-	-	Mata Atlântica	Arbusto	Floresta/restinga
Angiospermas	Dilleniaceae	<i>Davilla macrocarpa</i>	VU	-	-	-	-	Mata Atlântica	Liana	Restinga
Angiospermas	Dilleniaceae	<i>Doliocarpus lancifolius</i>	EN	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Liana	Floresta
Angiospermas	Ebenaceae	<i>Diospyros inconstans</i>	-	VU	-	-	-	Amazônia Caatinga Cerrado Mata Atlântica Pantanal	Árvore	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Elaeocarpaceae	<i>Sloanea garckeana</i>	-	-	VU	-	-	Amazônia Cerrado Mata Atlântica	Árvore	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Elaeocarpaceae	<i>Sloanea hirsuta</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta/restinga

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Euphorbiaceae	<i>Algermonia kuhlmannii</i>	CR	-	-	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Fabaceae	<i>Aeschynomene sensitiva</i>	-	VU	-	-	-	Amazônia Cerrado Mata Atlântica	Erva Arbusto	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Fabaceae	<i>Apuleia leiocarpa</i>	VU	-	-	-	-	Amazônia Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Árvore	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Fabaceae	<i>Centrolobium sclerophyllum</i>	-	-	EN	-	-	Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Árvore	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Fabaceae	<i>Dalbergia nigra</i>	VU	VU		VU	Sim	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Fabaceae	<i>Grazielodendron riococensis</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Fabaceae	<i>Hymenolobium janeirense</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Fabaceae	<i>Machaerium fulvovenosum</i>	-	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Fabaceae	<i>Melanoxylon brauna</i>	VU	VU	CR	-	-	Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Fabaceae	<i>Moldenhawera papillanthera</i>	VU	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Fabaceae	<i>Swartzia linharensis</i>	VU	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Fabaceae	<i>Zollernia modesta</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Gesneriaceae	<i>Sinningia speciosa</i>	-	EN	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Heliconiaceae	<i>Heliconia episcopalis</i>	-	-	VU	-	-	Amazônia Caatinga Mat a Atlântica	Erva	Generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Heliconiaceae	<i>Heliconia richardiana</i>	-	-	VU	-	-	Amazônia Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Lamiaceae	<i>Hyptis paludosa</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Habitats aquáticos ou associados a água

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Lauraceae	<i>Cinnamomum quadrangulum</i>	VU	VU	-	-	-	Cerrado	Arbusto	Vegetação Sobre Afloramentos Rochosos
Angiospermas	Lauraceae	<i>Ocotea pulchella</i>	-	EN	-	-	-	Cerrado Mata Atlântica	Árvore	Campestre/S emidecídua
Angiospermas	Lauraceae	<i>Persea rufotomentosa</i>	-	CR	-	-	-	Cerrado Mata Atlântica	Árvore	Campestre/S emidecídua
Angiospermas	Lauraceae	<i>Rhodostemono daphne capixabensis</i>	EN	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Arbusto Árvore	Floresta/restinga
Angiospermas	Lecythidaceae	<i>Cariniana ianeirensis</i>	EN	-	-	EN	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Lecythidaceae	<i>Cariniana legalis</i>	EN	-	-	VU	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Lecythidaceae	<i>Couratari asterotricha</i>	EN	-	EN	CR	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Lentibulariaceae	<i>Utricularia foliosa</i>	-	-	VU	-	-	Amazônia Caatinga Cerrado Mata Atlântica Pantanal	Erva	Habitats aquáticos/associados a água
Angiospermas	Malpighiaceae	<i>Bunchosia macilenta</i>	VU	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Malpighiaceae	<i>Heteropterys alternifolia</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Liana	Floresta
Angiospermas	Malpighiaceae	<i>Heteropterys oberdanii</i>	VU	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Liana	Restinga
Angiospermas	Malpighiaceae	<i>Lophopterys floribunda</i>	-	-	EN	-	-	Amazônia Mata Atlântica	Liana	Floresta
Angiospermas	Malpighiaceae	<i>Mezia araujoi</i>	EN	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Arbusto	Floresta
Angiospermas	Malvaceae	<i>Pavonia multiflora</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Arbusto	Floresta
Angiospermas	Marantaceae	<i>Goeppertia singularis</i>	-	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Divisão	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Marantaceae	<i>Maranta subterranea</i>	VU	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Marantaceae	<i>Sarante composita</i>	VU	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta/resti ng
Angiospermas	Marantaceae	<i>Stromanthe schottiana</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Melastomataceae	<i>Cambessedesia eichleri</i>	-	PE X	EN	-	-	Cerrado Mata Atlântica	Erva Arbu sto	Vegetação Sobre Afloramento s Rochosos
Angiospermas	Melastomataceae	<i>Merianthera pulchra</i>	VU	-	CR	-	-	Mata Atlântica	Arbusto Á rvore	Vegetação Sobre Afloramento s Rochosos
Angiospermas	Melastomataceae	<i>Miconia rimalis</i>	-	-	VU	-	-	Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Arbusto Á rvore	generalista (habitats diversos)

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i>	VU	-	-	EN	-	Amazônia Cerrado Mata Atlântica	Árvore	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Meliaceae	<i>Cedrela odorata</i>	VU	-	-	VU	-	Amazônia Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Árvore	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Moraceae	<i>Dorstenia arifolia</i>	-	VU	-	-	-	Mata Atlântica	Erva Arbusto	Floresta
Angiospermas	Moraceae	<i>Dorstenia cayapia</i>	-	VU	EN	-	-	Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Erva	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Moraceae	<i>Dorstenia milaneziana</i>	-	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Moraceae	<i>Ficus cyclophylla</i>	VU	-	-	EN	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta/restinga
Angiospermas	Myristicaceae	<i>Virola bicuhyba</i>	EN	-	-	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Myrtaceae	<i>Accara elegans</i>	EN	-	-	-	-	Cerrado Mata Atlântica	Arbusto	Vegetação Sobre

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
										Afloramentos Rochosos
Angiospermas	Myrtaceae	<i>Myrcia lineata</i>	EN	-	-	VU	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Myrtaceae	<i>Myrcia riodocensis</i>	CR	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Myrtaceae	<i>Neomitranthes langsdorffii</i>	EN	-	-	VU	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta/restinga
Angiospermas	Nyctaginaceae	<i>Andradea floribunda</i>	-	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Ochnaceae	<i>Ouratea cuspidata</i>	-	VU	-	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta/restinga
Angiospermas	Olacaceae	<i>Heisteria ovata</i>		VU	-	-	-	Amazônia Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Arbusto Árvore	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Brassavola tuberculata</i>	-	-	-	-	Sim	Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Erva epífita	generalista (habitats diversos)

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Brassia arachnoidea</i>	VU	-	VU	-	Sim	Amazônia Mata Atlântica	Erva epífita	Floresta
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Catasetum discolor</i>	-	-	-	-	Sim	Amazônia Mata Atlântica	Erva	Vegetação Sobre Afloramentos Rochosos
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Catasetum hookeri</i>	-	-	-	-	Sim	Amazônia Caatinga Mat a Atlântica	Erva epífita	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Catasetum mattosianum</i>	EN	-	CR	-	Sim	Mata Atlântica	Erva epífita	Floresta/ restinga
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Cattleya bicolor</i>	-	-	-	-	Sim	Cerrado Mata Atlântica	Erva epífita	Campestre/ Semidecídua
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Cattleya guttata</i>	VU	-	VU	-	Sim	Mata Atlântica	Erva	Floresta/ restinga
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Coryanthes speciosa</i>	-	-	EN	-	-	Amazônia Mata Atlântica	Erva epífita	Floresta

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Divisão	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Cyrtopodium gigas</i>	-	-	VU	-	-	Cerrado Mata Atlântica	Erva epífita	Floresta
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Cyrtopodium holstii</i>	-	-	VU	-	-	Amazônia Caatinga Mata Atlântica	Erva	Vegetação Sobre Afloramentos Rochosos
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Dimerandra emarginata</i>	-	-	EN	-	-	Amazônia Mata Atlântica	Erva epífita	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Encyclia oncioides</i>	-	-	-	-	Sim	Amazônia Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Erva epífita	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Encyclia patens</i>	-	-	-	-	Sim	Cerrado Mata Atlântica	Erva epífita	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Epidendrum carpophorum</i>	-	-	EN	-	-	Amazônia Caatinga Mata Atlântica	Erva epífita	Floresta
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Epidendrum coronatum</i>	-	-	EN	-	-	Amazônia Cerrado Mata Atlântica	Erva epífita	Floresta

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Epidendrum cristatum</i>	-	-	VU	-	-	Amazônia Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Erva	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Epidendrum rigidum</i>	-	-	-	-	Sim	Amazônia Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Erva epífita	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Gomesa gracilis</i>	-	-	-	-	Sim	Mata Atlântica	Erva	Vegetação Sobre Afloramentos Rochosos
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Macradenia rubescens</i>	-	-	EN	-	-	Amazônia Mata Atlântica	Erva epífita	Floresta
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Miltonia flavescens</i>	-	-	-	-	Sim	Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Erva epífita	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Miltonia spectabilis</i>	-	-	VU	-	Sim	Mata Atlântica	Erva epífita	Floresta

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Divisão	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Notylia microchila</i>	EN	-	VU	-	-	Amazônia Cerrado Mata Atlântica	Erva epífita	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Rauhiella silvana</i>	EN	-	CR	-	Sim	Mata Atlântica	Erva epífita	Floresta
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Rodriguezia obtusifolia</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva epífita	Floresta
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Sobralia liliastrum</i>	-	-	VU	-	-	Amazônia Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Erva	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Trichocentrum fuscum</i>	-	-	VU	-	-	Amazônia Cerrado Mata Atlântica	Erva epífita	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Orchidaceae	<i>Trizeuxis falcata</i>	-	-	VU	-	-	Amazônia Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Erva epífita	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Oxalidaceae	<i>Oxalis clausenii</i>	CR	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva Arbusto	Floresta

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Oxalidaceae	<i>Oxalis doceana</i>	CR	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Oxalidaceae	<i>Oxalis kuhlmannii</i>	CR	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Piperaceae	<i>Piper vicosanum</i>	-	-	EN	-	-	Amazônia Cerrado Mata Atlântica	Arbusto	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Poaceae	<i>Cryptochloa capillata</i>	-	-	EN	-	-	Amazônia Cerrado Mata Atlântica	Erva	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Poaceae	<i>Streptochaeta spicata</i>	-	-	EN	-	-	Amazônia Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Arbusto	generalista (habitats diversos)
Angiospermas	Rubiaceae	<i>Carapichea ipecacuanha</i>	VU	-	-	-	-	Amazônia Caatinga Cerrado Mata Atlântica	Arbusto	generalista (habitats diversos)

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Rubiaceae	<i>Genipa infundibuliformis</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Rubiaceae	<i>Melanopsidium nigrum</i>	VU	-	-	-	-	Cerrado Mata Atlântica	Arbusto	Restinga
Angiospermas	Rubiaceae	<i>Riodoea pulcherrima</i>	EN	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Rubiaceae	<i>Rudgea coronata subsp. saint-hilairei</i>	CR	-	CR	-	-	Mata Atlântica	Arbusto Árvore	Floresta
Angiospermas	Rubiaceae	<i>Rudgea minor</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Arbusto Árvore	Floresta/ restinga
Angiospermas	Rubiaceae	<i>Rudgea reflexa</i>	-	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Arbusto	Floresta
Angiospermas	Rubiaceae	<i>Standleya kuhlmanni</i>	EN	-	CR	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Angiospermas	Rutaceae	<i>Conchocarpus cauliflorus</i>	CR	-	-	-	-	Mata Atlântica	Arbusto	Floresta

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Rutaceae	<i>Conchocarpus marginatus</i>	CR	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Arbusto	Floresta
Angiospermas	Rutaceae	<i>Metrodorea maracasana</i>	VU	-	-	-	-	Mata Atlântica	Arbusto Árvore	Floresta/ restinga
Angiospermas	Sapotaceae	<i>Chrysophyllum januariense</i>	VU	-	-	EX	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta/ restinga
Angiospermas	Sapotaceae	<i>Pouteria bullata</i>	EN	-	-	VU	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Sapotaceae	<i>Pouteria butyrocarpa</i>	CR	-	-	EN	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Simaroubaceae	<i>Simaba floribunda</i>	-	PEX	-	-	-	Mata Atlântica	Arbusto Árvore	Floresta/ restinga
Angiospermas	Solanaceae	<i>Solanum sooretamum</i>	-	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Verbenaceae	<i>Citharexylum obtusifolium</i>	EN	-	-	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Angiospermas	Vitaceae	<i>Cissus coccinea</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Liana	Floresta
Angiospermas	Vitaceae	<i>Cissus pulcherrima</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Liana	Floresta/ restinga
Angiospermas	Vochysiaceae	<i>Vochysia angelica</i>	EN	-	EN	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta
Angiospermas	Vochysiaceae	<i>Vochysia riedeliana</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Árvore	Floresta/ restinga
Briófita	Brachytheciaceae	<i>Zelometeorium patens</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Briófita	Cephaloziellaceae	<i>Cylindrocolea rhizantha</i>	-	-	VU	-	-	Amazônia Cerrado Mata Atlântica	Erva	generalista (habitats diversos)
Briófita	Goodeniaceae	<i>Scaevola plumieri</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Restinga

Divisão	TAXONOMIA		STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Domínio de ocorrência	Hábito	Habitat
Briófita	Lejeuneaceae	<i>Leptolejeunea obfuscata</i>	-	-	VU	-	-	Amazônia Cerrado	Erva	generalista (habitats diversos)
Briófita	Lejeuneaceae	<i>Verdoornianthus griffinii</i>	-	-	VU	-	-	Amazônia Mata Atlântica	Erva	Floresta
Briófita	Metzgeriaceae	<i>Metzgeria brasiliensis</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta/ resting
Pteridofitas	Aspleniaceae	<i>Asplenium campos-portoi</i>	-	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta
Pteridofitas	Pteridaceae	<i>Adiantum papillosum</i>	EN	-	VU	-	-	Mata Atlântica	Erva	Floresta

Fonte: Golder (2016)

Tabela 2 - Espécies de mamíferos ameaçadas de extinção potencialmente afetadas pelo rompimento da Barragem de Fundão

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Ordem	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Dieta	Hábito	Habitat
Artiodactyla	Tayassuidae	<i>Pecari tajacu</i>	-	VU	VU	LC	Sim	Frugívoro Herbívoro	Terrestre	Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo; Pasto / pasto sujo / cultivo; Restinga arbórea; Restinga arbustiva; Silvicultura
Artiodactyla	Tayassuidae	<i>Tayassu pecari</i>	VU	CR	EN	VU	Sim	Frugívoro Herbívoro	Terrestre	Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Restinga arbórea; Restinga arbustiva

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Carnivora	Canidae	<i>Chrysocyon brachyurus</i>	VU	VU	NT	Sim	Carnívoro Onívoro	Terrestre	Área Antropizada; Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo; Pasto / pasto sujo / cultivo; Silvicultura; Silvicultura recém-colhida; Áreas alagáveis	
Carnivora	Canidae	<i>Speothos venaticus</i>	VU	CR	-	NT	Sim	Carnívoro	Terrestre	Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Manguezal; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo; Pasto / pasto sujo / cultivo

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Carnivora	Felidae	<i>Leopardus guttulus</i>	VU	-	-	VU	Sim	Carnívoro	Terrestre	Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo; Restinga arbórea; Restinga arbustiva
Carnivora	Felidae	<i>Leopardus pardalis</i>	-	VU	VU	LC	Sim	Carnívoro	Terrestre	Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Restinga arbórea; Restinga arbustiva

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Carnivora	Felidae	<i>Leopardus tigrinus</i>	EN	VU	VU	VU	Sim	Carnívoro	Escansorial	Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo; Pasto / pasto sujo / cultivo; Restinga arbórea; Restinga arbustiva
Carnivora	Felidae	<i>Leopardus wiedii</i>	VU	EN	VU	NT	Sim	Carnívoro	Escansorial	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo
Carnivora	Felidae	<i>Panthera onca</i>	VU	CR	CR	NT	Sim	Carnívoro	Terrestre	Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Floresta misturada com eucalipto

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Carnivora	Felidae	<i>Puma concolor</i>	VU	VU	EN	LC	Sim	Carnívoro	Terrestre	Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo; Pasto / pasto sujo / cultivo
Carnivora	Felidae	<i>Puma yagouarondi</i>	VU	-	-	LC	Sim	Carnívoro	Terrestre	Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Manguezal; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo; Pasto / pasto sujo / cultivo; Restinga arbórea; Restinga arbustiva

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Carnivora	Mustelidae	<i>Lontra longicaudis</i>	-	VU	-	NT	Sim	Piscívoro	Semi-aquático	Curso d'água; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Lago; Lagoa / açude; Manguezal; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo; Pasto / pasto sujo / cultivo; Praia; Reservatório; Restinga arbórea; Restinga arbustiva; Áreas alagáveis
Carnivora	Mustelidae	<i>Pteronura brasiliensis</i>	VU	REX	-	EN	-	Piscívoro	Semi-aquático	Curso d'água; Floresta Atlântica; Lago; Lagoa / açude; Áreas alagáveis
Carnivora	Procyonidae	<i>Potos flavus</i>	-	EN	-	LC	-	Frugívoro Nectarívoro Polinívoro Onívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Chiroptera	Natalidae	<i>Natalus espiritosantensis</i>	VU	-	-	NT	-	Insetívoro	Voador	Afloramento rochoso (Quartzito); Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Carollia brevicauda</i>	-	-	VU	LC	-	Frugívoro	Voador	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Choeroniscus minor</i>	-	EN	VU	LC	-	Nectarívoro	Voador	Áreas úmidas; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Diaemus youngi</i>	-	VU	-	LC	-	Herbívoro	Voador	Afloramento rochoso (Quartzito); Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Glyphonycteris sylvestris</i>	-	VU	-	LC	-	Insetívoro	Voador	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Lampronycotis brachyotis</i>	-	-	VU	LC	-	Insetívoro Carnívoro	Voador	Floresta Atlântica

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Lichonycteris obscura</i>	-	-	VU	LC	-	Nectarívoro Insetívoro	Voador	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Lonchophylla bokermanni</i>	-	EN	-	DD	-	Nectarívoro	Voador	Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Lonchorhina aurita</i>	VU	-	-	LC	-	Insetívoro	Voador	Afloramento rochoso (Quartzito); Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Micronycteris hirsuta</i>	-	-	VU	LC	-	Insetívoro	Voador	Curso d'água; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Cingulata	Dasypodidae	<i>Priodontes maximus</i>	VU	EN	CR	VU	Sim	Insetívoro Mirmecófago	Semi-fossorial	Afloramento rochoso (Quartzito); Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Cingulata	Dasyproctidae	<i>Dasyprocta aguti</i>	-	-	VU	LC	-	Frugívoro Granívoro	Terrestre	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Chironectes minimus</i>	-	VU	CR	LC	-	Piscívoro	Semi-aquático	Curso d'água; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Monodelphis scalops</i>	-	-	CR	LC	-	Insetívoro Onívoro	Terrestre	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Perissodactyla	Tapiriidae	<i>Tapirus terrestris</i>	VU	EN	EN	VU	Sim	Frugívoro Herbívoro	Terrestre	Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Manguezal; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo; cultivo; Silvicultura
Pilosa	Bradypodidae	<i>Bradypus torquatus Illiger</i>	VU	-	EN	VU	-	Folívoros	Arborícola	Floresta Atlântica

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Pilosa	Myrmecophagidae	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	VU	VU	-	VU	Sim	Mirmecófago	Terrestre	Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Silvicultura
Primates	Atelidae	<i>Alouatta guariba clamitans</i>	VU	VU	-	LC	-	Folívoros Frugívoro	Arborícola	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Primates	Atelidae	<i>Brachyteles hypoxanthus</i>	CR	EN	CR	CR	Sim	Folívoros Frugívoro	Arborícola	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Primates	Callitrichidae	<i>Callithrix aurita</i>	EN	EN	-	VU	Sim	Frugívoro Gomívoro Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Primates	Callitrichidae	<i>Callithrix flaviceps</i>	EN	EN	EN	EN	Sim	Frugívoro Gomívoro Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Primates	Cebidae	<i>Sapajus robustus</i>	EN	EN	VU	EN	-	Frugívoro Onívoro	Arborícola	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo
Primates	Pitheciidae	<i>Callicebus personatus</i>	VU	EN	VU	VU	-	Folívoros Frugívoro	Arborícola	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Rodentia	Cricetidae	<i>Abrawayaomys</i>	-	VU	CR	LC	-	Frugívoro Granívoro	Semi-fossorial	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Rodentia	Cricetidae	<i>Rhipidomys</i>	EN	-	-	LC	-	Frugívoro Predador de Sementes	Arborícola	Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Rodentia	Echimyidae	<i>Kannabateomys amblyonyx</i>	-	-	CR	LC	-	Folívoros	Arborícola	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Bambuzais

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Rodentia	Echimyidae	<i>Trinomys moojeni</i>	EN	VU	-	EN	-	Frugívoro Granívoro	Terrestre	Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo
Rodentia	Erethizontidae	<i>Chaetomys subspinosus</i>	VU	-	VU	VU	-	Folívoros Frugívoro	Arborícola	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo; Restinga arbórea

Fonte: Golder (2016).

Tabela 3 - Espécies de aves ameaçadas de extinção potencialmente afetadas pelo rompimento da Barragem de Fundão

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Ordem	Familia	Genero/ Especie BR	MG	ES	IUCN	CITES	Dieta	Hábito	Habitat	
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Accipiter poliogaster</i>	-	CR	-	NT	-	Carnívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Amadonastur lacernulatus</i>	VU	CR	-	VU	-	Carnívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Circus buffoni</i>	-	-	VU	LC	-	Carnívoro Insetívoro	Voador	Área Antropizada; Áreas úmidas; Campo rupestre / Campo sujo; Vegetação aberta / regeneração florestal; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo; Pasto / pasto sujo / cultivo
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Harpia harpyja</i>	VU	CR	CR	NT	Sim	Carnívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Morphnus guianensis</i>	VU	CR	CR	NT	-	Carnívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Pseudastur polionotus</i>	-	CR	VU	NT	-	Carnívoro	Arborícola	Floresta Atlântica

Accipitriformes	Accipitridae	<i>Spizaetus melanoleucus</i>	-	EN	VU	NT	-	Carnívoro	Arborícola	Floresta Atlântica; Floresta misturada com eucalipto
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Spizaetus ornatus ornatus</i>	-	EN	CR	NT	-	Carnívoro	Arborícola	Floresta Atlântica; Floresta misturada com eucalipto
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Spizaetus tyrannus tyrannus</i>	-	EN	VU	LC	-	Carnívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Urubitinga coronata</i>	EN	EN	-	EN	-	Carnívoro	Voador	Campo rupestre / Campo sujo; Vegetação aberta / regeneração florestal; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo; Pasto / pasto sujo / cultivo
Apodiformes	Apodidae	<i>Panyptila cayannensis cayennensis</i>	-	-	EN	LC	-	Insetívoro	Voador	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Lago; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo; Pasto / pasto sujo / cultivo
Cathartiformes	Cathartidae	<i>Sarcoramphus papa</i>	-	-	VU	LC	-	Carniceiro	Voador	Área Antropizada; Campo rupestre /

										Campo sujo; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Lagoa / açude; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo
Charadriiformes	Scolopacidae	<i>Calidris pusilla</i>	EN	-	-	NT	-	Invertívoro	Aquático	Manguezal; Praia
Charadriiformes	Sternidae	<i>Sterna dougallii dougallii</i>	VU	-	-	LC	-	Piscívoro	Aquático	Manguezal; Oceano; Praia
Charadriiformes	Sternidae	<i>Sterna hirundinacea</i>	VU	-	-	LC	-	Piscívoro	Aquático	Manguezal; Oceano; Praia
Charadriiformes	Sternidae	<i>Thalasseus maximus maximus</i>	EN	-	-	LC	-	Piscívoro	Aquático	Manguezal; Oceano; Praia
Ciconiiformes	Ciconiidae	<i>Ciconia maguari</i>	-	-	CR	LC	-	Carniceiro Carnívoro Detritívoro Piscívoro	Aquático	Áreas úmidas; Curso d'água; Lago; Lagoa / açude

Ciconiiformes	Ciconiidae	<i>Jabiru mycteria</i>	-	EN	-	LC	Sim	Carniceiro Carnívoro Detritívoro Piscívoro	Aquático	Áreas úmidas; Curso d'água; Lago; Lagoa / açude; Reservatório
Columbiformes	Columbidae	<i>Geotrygon violacea violacea</i>	-	VU	CR	LC	-	Frugívoro Granívoro	Terrestre	Floresta Atlântica
Cuculiformes	Cuculidae	<i>Neomorphus geoffroyi dulcis</i>	CR	CR	CR	VU	-	Carnívoro	Terrestre	Floresta Atlântica
Falconiformes	Falconidae	<i>Falco deiroleucus</i>	-	CR	-	NT	Sim	Carnívoro	Arborícola	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo
Galbuliformes	Bucconidae	<i>Chelidoptera tenebrosa brasiliensis</i>	-	-	VU	LC	-	Carnívoro Insetívoro Invertívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Galbuliformes	Bucconidae	<i>Monasa morphoeus morphoeus</i>	EN	CR	CR	LC	-	Carnívoro Insetívoro Invertívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Galbuliformes	Bucconidae	<i>Notharchus swainsoni</i>	-	CR	CR	LC	-	Insetívoro Invertívoro	Arborícola	Floresta Atlântica

Galliformes	Cracidae	<i>Aburria jacutinga</i>	EN	CR	-	EN	Sim	Folívoro Frugívoro Granívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Galliformes	Cracidae	<i>Crax blumenbachii</i>	CR	CR	CR	EN	Sim	Folívoro Frugívoro Granívoro Insetívoro Invertívoro	Terrestre	Floresta Atlântica
Galliformes	Cracidae	<i>Penelope obscura bronzina</i>	-	-	VU	LC	-	Folívoro Frugívoro Granívoro	Arborícola	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo
Galliformes	Odontophoridae	<i>Odontophorus capueira capueira</i>	-	EN	EN	LC	-	Frugívoro Granívoro Invertívoro	Terrestre	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo
Nyctibiiformes	Nyctibiidae	<i>Nyctibius aethereus aethereus</i>	EN	-	VU	LC	-	Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica

Nyctibiiformes	Nyctibiidae	<i>Nyctibius grandis grandis</i>	-	-	VU	LC	-	Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo
Nyctibiiformes	Nyctibiidae	<i>Nyctibius leucopterus</i>	CR	CR	-	LC	-	Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Cardinalidae	<i>Cyanoloxia brissonii sterea</i>	-	-	CR	LC	-	Granívoro	Arborícola	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo
Passeriformes	Cotingidae	<i>Carpornis melanocephala</i>	VU	CR	VU	VU	-	Frugívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Cotingidae	<i>Cotinga maculata</i>	CR	CR	CR	EN	Sim	Frugívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Cotingidae	<i>Lipaugus vociferans</i>	-	-	EN	LC	-	Frugívoro Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Cotingidae	<i>Procnias nudicollis</i>	-	EN	-	VU	-	Frugívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Cotingidae	<i>Xipholena atropurpurea</i>	VU	-	CR	EN	Sim	Frugívoro	Arborícola	Floresta Atlântica

Passeriformes	Dendrocolaptidae	<i>Glyphorhynchus spirurus cuneatus</i>	-	-	VU	LC	-	Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Dendrocolaptidae	<i>Xiphorhynchus guttatus guttatus</i>	-	-	CR	LC	-	Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Formicariidae	<i>Formicarius colma ruficeps</i>	-	CR	-	LC	-	Insetívoro	Terrestre	Floresta Atlântica
Passeriformes	Furnariidae	<i>Cichlocolaptes leucophrus leucophrus</i>	-	EN	-	LC	-	Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Furnariidae	<i>Thripophaga macroura</i>	VU	EN	-	VU	-	Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Icteridae	<i>Anumara forbesi</i>	VU	CR	-	EN	-	Granívoro Insetívoro	Arborícola	Área Antropizada; Áreas úmidas; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo
Passeriformes	Mimidae	<i>Mimus gilvus antelius</i>	-	-	VU	LC	-	Frugívoro Granívoro Insetívoro Invertívoro	Arborícola	Praia; Restinga arbórea; Restinga arbustiva
Passeriformes	Pipridae	<i>Machaeropterus regulus</i>	-	-	VU	LC	-	Frugívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Pipridae	<i>Neopelma aurifrons</i>	EN	-	VU	VU	-	Frugívoro	Arborícola	Floresta Atlântica

Passeriformes	Rhynchocyclidae	<i>Corythopsis delalandi</i>	-	-	EN	LC	-	Insetívoro	Terrestre	Floresta Atlântica
Passeriformes	Rhynchocyclidae	<i>Rhynchocyclus olivaceus olivaceus</i>	-	EN	VU	LC	-	Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Scleruridae	<i>Sclerurus caudacutus umbretta</i>	CR	-	CR	LC	-	Insetívoro	Terrestre	Floresta Atlântica
Passeriformes	Scleruridae	<i>Sclerurus macconnelli bahiae</i>	VU	-	CR	LC	-	Insetívoro	Terrestre	Floresta Atlântica
Passeriformes	Thamnophilidae	<i>Dysithamnus plumbeus</i>	EN	VU	-	VU	-	Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Thamnophilidae	<i>Myrmoderus ruficauda ruficauda</i>	EN	CR	-	EN	-	Insetívoro	Terrestre	Floresta Atlântica
Passeriformes	Thamnophilidae	<i>Myrmotherula urosticta</i>	VU	EN	EN	VU	-	Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Thamnophilidae	<i>Thamnomanes caesius caesius</i>	VU	EN	CR	LC	-	Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Thraupidae	<i>Sporophila angolensis angolensis</i>	-	CR	CR	LC	-	Granívoro	Arborícola	Área Antropizada; Floresta Atlântica; Lago; Lagoa / açude; Vegetação aberta / regeneração florestal; Mosaico de florestas degradadas / em

										regeneração / pasto sujo; Pasto / pasto sujo / cultivo
Passeriformes	Tityridae	<i>Iodopleura pipra pipra</i>	EN	CR	-	NT	-	Frugívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Tityridae	<i>Laniocera hypopyrra</i>)	-	-	CR	LC	-	Frugívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Tityridae	<i>Schiffornis turdina turdina</i>	-	VU	VU	LC	-	Frugívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Trochilidae	<i>Glaucis dohrnii</i>	EN	CR	CR	EN	Sim	Insetívoro Nectarívoro Polinívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Trochilidae	<i>Phaethornis margarettae margarettae</i>	EN	-	CR	LC	Sim	Insetívoro Nectarívoro Polinívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Troglodytidae	<i>Campylorhynchus turdinus turdinus</i>	-	CR	-	LC	-	Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Turdidae	<i>Turdus fumigatus fumigatus</i>	-	-	VU	LC	-	Frugívoro Granívoro Insetívoro Invertívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Attila spadiceus uropygiatus</i>	VU	-	VU	LC	-	Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Conopias trivirgatus trivirgatus</i>	-	CR	-	LC	-	Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica

Passeriformes	Tyrannidae	<i>Rhytipterna simplex simplex</i>	-	VU	-	LC	-	Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Pelecaniformes	Threskiornithidae	<i>Platalea ajaja</i>	-	VU	-	LC	-	Invertívoro Piscívoro	Aquático	Áreas úmidas; Curso d'água; Lago; Lagoa / açude; Manguezal Floresta Atlântica;
Piciformes	Galbulidae	<i>Jacamaralcyon tridactyla</i>	-	-	-	VU	-	Insetívoro	Arborícola	Floresta misturada com eucalipto
Piciformes	Picidae	<i>Celeus flavus subflavus</i>	CR	CR	CR	LC	-	Frugívoro Insetívoro Invertívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Piciformes	Picidae	<i>Celeus torquatus tinnunculus</i>	VU	CR	CR	VU	-	Frugívoro Insetívoro Invertívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Piciformes	Picidae	<i>Melanerpes flavifrons</i>	-	VU	VU	LC	-	Frugívoro Insetívoro Invertívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Piciformes	Picidae	<i>Piculus polyzonus</i>	EN	-	-	-	-	Insetívoro Invertívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Piciformes	Picidae	<i>Veniliornis affinis affinis</i>	-	CR	-	LC	-	Frugívoro Insetívoro Invertívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Amazona farinosa</i>	-	CR	-	NT	Sim	Frugívoro Granívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Amazona rhodocorytha</i>	VU	EN	CR	EN	Sim	Frugívoro Granívoro	Arborícola	Floresta Atlântica

Psittaciformes	Psittacidae	<i>Amazona vinacea</i>	VU	VU	CR	EN	Sim	Frugívoro Granívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Aratinga auricapillus aurifrons</i>	-	-	VU	NT	Sim	Frugívoro Granívoro	Arborícola	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Pionus reichenowi</i>	VU	-	VU	LC	Sim	Frugívoro Granívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Pyrrhura cruentata</i>	VU	CR	EN	VU	Sim	Frugívoro Granívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Pyrrhura leucotis</i>	VU	CR	EN	NT	Sim	Frugívoro Granívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Touit surdus</i>	VU	CR	EN	VU	Sim	Frugívoro Granívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Strigiformes	Strigidae	<i>Glaucidium minutissimum</i>	-	VU	EN	LC	Sim	Carnívoro Insetívoro Invertívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Strigiformes	Strigidae	<i>Pulsatrix perspicillata pulsatrix</i>	VU	-	-	LC	Sim	Carnívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Strigiformes	Strigidae	<i>Strix huhula albomarginata</i>	VU	-	VU	LC	Sim	Carnívoro	Arborícola	Floresta Atlântica

Tinamiformes	Tinamidae	<i>Crypturellus noctivagus noctivagus</i>	VU	EN	CR	NT	-	Folívoro Frugívoro Granívoro Insetívoro Invertívoro	Terrestre	Floresta Atlântica
Tinamiformes	Tinamidae	<i>Crypturellus variegatus</i>	-	EN	EN	LC	-	Folívoro Frugívoro Granívoro Insetívoro Invertívoro	Terrestre	Floresta Atlântica
Tinamiformes	Tinamidae	<i>Tinamus solitarius</i>	-	EN	CR	NT	Sim	Frugívoro Granívoro Insetívoro Invertívoro	Terrestre	Floresta Atlântica
Trogoniformes	Trogonidae	<i>Trogon collaris eytoni</i>	EN	CR	EN	LC	-	Frugívoro Insetívoro	Arborícola	Floresta Atlântica

Fonte: Golder (2016).

Tabela 4 - Espécies de anfíbios ameaçadas de extinção potencialmente afetadas pelo rompimento da Barragem de Fundão

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Ordem	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Dieta	Hábito	Habitat
Anura	Aromobatidae	<i>Allobates olfersioides</i>	-	-	CR	VU	-	Invertívoro	Terrestre	Floresta Atlântica
Anura	Leptodactylidae	<i>Physalaemus maximus</i>	VU	-	-	DD	-	Invertívoro	Terrestre	Áreas úmidas; Curso d'água; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Lagoa / açude
Anura	Microhylidae	<i>Chiasmocleis lacrimae</i>	-	-	-	EN	-	Invertívoro	Terrestre	Floresta Atlântica
Anura	Microhylidae	<i>Dasypops schirchi</i>	-	-	-	VU	-	Invertívoro	Semi-fossorial	Floresta Atlântica

Fonte: Golder (2016).

Tabela 5 - Espécies de répteis ameaçadas de extinção potencialmente afetadas pelo rompimento da Barragem de Fundão

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Ordem	Família	Gênero/Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Dieta	Hábito	Habitat
Crocodylia	Alligatoridae	<i>Caiman latirostris</i>	-	-	-	-	Sim	Carnívoro; Invertívoro; Piscívoro	Aquático	Áreas úmidas; Banco de areia; Curso d'água; Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Lago; Lagoa / açude; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo; Reservatório
Squamata	Amphisbaenidae	<i>Amphisbaena nigricauda</i>	EN	-	-	-	-	Invertívoro	Fossorial	Restinga arbórea; Restinga arbustiva

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Squamata	Boidae	<i>Boa constrictor constrictor</i>	-	-	-	-	Sim	Carnívoro	Escansorial	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração / pasto sujo; Pasto / pasto sujo / cultivo; Restinga arbórea; Silvicultura
Squamata	Boidae	<i>Corallus hortulanus</i>	-	-	-	-	Sim	Carnívoro	Arborícola	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Restinga arbórea
Squamata	Boidae	<i>Epicrates cenchria</i>	-	-	-	-	Sim	Carnívoro	Terrestre	Floresta Atlântica; Floresta estacional semidecidual degradada; Restinga arbórea
Squamata	Dactyloidae	<i>Dactyloa pseudotigrina</i>	VU	-	-	-	-	Insetívoro	Escansorial	Floresta Atlântica
Squamata	Dipsadidae	<i>Philodryas laticeps</i>	-	CR	-	-	-	Carnívoro	Escansorial	Floresta Atlântica

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Squamata	Dipsadidae	<i>Tantilla boipiranga</i>	-	-	-	VU	-	Invertívoro	Semi-fossorial	Campo rupestre / Campo sujo; Floresta Atlântica
Squamata	Teiidae	<i>Ameivula nativo</i>	EN	-	VU	-	-	Insetívoro	Terrestre	Restinga arbórea; Restinga arbustiva
Squamata	Teiidae	<i>Salvator merianae</i>	-	-	-	-	Sim	Onívoro	Terrestre	Área Antropizada; Vegetação aberta Floresta Atlântica; Floresta estacional semidecidual degradada; Floresta misturada com eucalipto; Mosaico de florestas degradadas / em regeneração Pasto / pasto sujo / cultivo; Restinga arbórea; Restinga arbustiva; Silvicultura
Squamata	Viperidae	<i>Bothrops bilineatus bilineatus</i>	-	-	VU	-	-	Carnívoro	Arborícola	Floresta Atlântica
Squamata	Viperidae	<i>Lachesis muta</i>	-	-	VU	-	-	Carnívoro	Terrestre	Floresta Atlântica

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Testudines	Chelidae	<i>Hydromedusa maximiliani</i>	-	VU	VU	VU	-	Carniceiro; Carnívoro; Invertívoro	Aquático	Curso d'água; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta Atlântica; Floresta estacional semidecidual degradada
Testudines	Testudinidae	<i>Chelonoidis carbonarius</i>	-	-	-	-	Sim	Carniceiro; Folívoros; Frugívoro; Herbívoros; Invertívoro	Terrestre	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Testudines	Testudinidae	<i>Chelonoidis denticulatus</i>	-	-	-	VU	Sim	Carniceiro; Folívoros; Frugívoro; Herbívoros; Invertívoro	Terrestre	Floresta Atlântica

Fonte: Golder (2016).

Tabela 6 - Espécies de formigas ameaçadas de extinção potencialmente afetadas pelo rompimento da Barragem de Fundão

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Ordem	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Dieta	Hábito	Habitat
Hymenoptera	Formicidae	<i>Anochetus oriens</i>	VU	-	-	-	-	Carnívoro	Terrestre	Floresta Atlântica
Hymenoptera	Formicidae	<i>Atta robusta</i>	VU	-	VU	-	-	Fungívoro Micófago	Terrestre	Restinga arbórea; Restinga arbustiva
Hymenoptera	Formicidae	<i>Dinoponera lucida</i>	EN	-	-	-	-	Onívoro Predador	Terrestre	Floresta Atlântica
Hymenoptera	Formicidae	<i>Trachymyrmex atlanticus</i>	VU	-	-	-	-	Fungívoro Micófago	Terrestre	Floresta Atlântica

Fonte: Golder (2016).

Tabela 7 - Espécies de abelhas ameaçadas de extinção potencialmente afetadas pelo rompimento da Barragem de Fundão

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Ordem	Família	Gênero/Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Dieta	Hábito	Habitat
Hymenoptera	Apidae	<i>Epicharis (Epicharana) pygialis</i>	-	VU	-	-	-	Nectarívoro Polinívoro	Terrestre	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Hymenoptera	Apidae	<i>Epicharis (Epicharitides) minima</i>	-	EN	-	-	-	Nectarívoro Polinívoro Coletora de oleo	Terrestre	Campo rupestre; Campo sujo; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Hymenoptera	Apidae	<i>Eufriesea aeneiventris</i>	-	EN	-	-	-	Nectarívoro Polinívoro	Terrestre	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Restinga arbórea
Hymenoptera	Apidae	<i>Melipona (Michmelia)</i>	EN	-	EN	-	-	Nectarívoro Polinívoro	Nidificam em ocos de arvores	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Mosaico de florestas degradadas

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Hymenoptera	Apidae	<i>Melipona (Michmelia) rufiventris</i>	EN	-	-	-	-	Nectarívoro Polinívoro	Terrestre	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada
Hymenoptera	Apidae	<i>Xylocopa truxali</i>	VU	-	-	-	-	Nectarívoro Polinívoro	Terrestre	Afloramento rochoso (Inselberg); Afloramento rochoso (Quartzito); Campo rupestre; Campo sujo
Hymenoptera	Colletidae	<i>Hexanthes missionica</i>	-	VU	-	-	-	Nectarívoro Polinívoro	Terrestre	Afloramento rochoso (Quartzito); Campo rupestre; Campo sujo

Fonte: Golder (2016)

Tabela 8 - Espécies de Coleoptera ameaçadas de extinção potencialmente afetadas pelo rompimento da Barragem de Fundão

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Ordem	Família	Gênero/ Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Dieta	Hábito	Habitat
Coleoptera	Lucanidae	<i>Syndesus schuberti</i>	-	VU	-	-	-	Detritívoro/Frugívoro	Terrestre	Floresta Atlântica
Coleoptera	Scarabaeidae	<i>Ateuchus squalidus</i>	VU	-	-	VU	-	Detritívoro	Semi-fossorial	Floresta Atlântica; Restinga arbórea/arbustiva
Coleoptera	Scarabaeidae	<i>Coprophanaeus machadoi</i>	-	CR	-	-	-	Detritívoro	Semi-fossorial	Floresta Atlântica
Coleoptera	Scarabaeidae	<i>Coprophanaeus punctatus</i>	-	CR	-	-	-	Detritívoro	Semi-fossorial	Floresta Atlântica
Coleoptera	Scarabaeidae	<i>Deltochilum elevatum</i>	-	VU	-	-	-	Detritívoro	Semi-fossorial	Floresta Atlântica
Coleoptera	Scarabaeidae	<i>Dichotomius schiffleri</i>	EN	-	CR	EN	-	Detritívoro	Semi-fossorial	Floresta Atlântica
Coleoptera	Scarabaeidae	<i>Dynastes hercules paschoali</i>	VU	-	-	-	-	Detritívoro	Terrestre	Floresta Atlântica
Coleoptera	Scarabaeidae	<i>Megasoma gyas gyas</i>	VU	EN	CR	-	-	Detritívoro	Terrestre	Área urbana; Floresta Atlântica

Fonte: Golder (2016).

Tabela 9 - Espécies de borboletas ameaçadas de extinção potencialmente afetadas pelo rompimento da Barragem de Fundão

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Ordem	Família	Gênero/Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Dieta	Hábito	Habitat
Lepidoptera	Hesperiidae	<i>Drephalys mourei</i>	CR	-	-	-	-	Herbívoro; Nectarívoro Polínívoro	Voador	Floresta Atlântica; Áreas úmidas
Lepidoptera	Hesperiidae	<i>Parelbella polyzona</i>	EN	-	-	-	-	Herbívoro; Nectarívoro Polínívoro	Voador	Floresta Atlântica
Lepidoptera	Hesperiidae	<i>Turmada camposa</i>	EN	-	EN	-	-	Herbívoro; Nectarívoro Polínívoro	Voador	Floresta Atlântica
Lepidoptera	Lycaenidae	<i>Arawacus aethesa</i>	EN	EN	VU	EN	-	Herbívoro; Nectarívoro Polínívoro	Voador	Floresta Atlântica
Lepidoptera	Nymphalidae	<i>Heliconius nattereri</i>	EN	-	VU	CR	-	Herbívoro; Nectarívoro Polínívoro	Voador	Floresta Atlântica
Lepidoptera	Nymphalidae	<i>Hyalyris leptalina</i>	CR	VU	VU	-	-	Herbívoro; Nectarívoro Polínívoro	Voador	Floresta Atlântica
Lepidoptera	Nymphalidae	<i>Mcclungia cymo fallens</i>	CR	VU	-	-	-	Herbívoro; Nectarívoro Polínívoro	Voador	Floresta Atlântica

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Ordem	Família	Gênero/Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Dieta	Hábito	Habitat
Lepidoptera	Nymphalidae	<i>Tithorea harmonia caissara</i>	VU	EN	VU	-	-	Herbívoro; Nectarívoro Polínívoro	Voador	Floresta Atlântica
Lepidoptera	Papilionidae	<i>Heraclides himeros himeros</i>	EN	-	CR	-	-	Herbívoro; Nectarívoro Polínívoro	Voador	Floresta Atlântica
Lepidoptera	Papilionidae	<i>Mimoides lysithous sebastianus</i>	VU	-	-	-	-	Herbívoro; Nectarívoro Polínívoro	Voador	Floresta Atlântica
Lepidoptera	Pieridae	<i>Moschoneura pinthous methymna</i>	VU	-	VU	-	-	Herbívoro; Nectarívoro Polínívoro	Voador	Floresta Atlântica

Fonte: Golder (2016).

Tabela 10 - Espécies de Diplopoda ameaçadas de extinção potencialmente afetadas pelo rompimento da Barragem de Fundão

TAXONOMIA			STATUS DE CONSERVAÇÃO					CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS		
Ordem	Família	Gênero/Espécie	BR	MG	ES	IUCN	CITES	Dieta	Hábito	Habitat
Polydesmida	Chelodesmidae	<i>Odontopeltis aleijadinho</i>	-	-	-	LC	-	Detritívoro	Fossorial	Áreas úmidas; Floresta Atlântica
Polydesmida	Chelodesmidae	<i>Odontopeltis giganteus</i>	VU	-	-	VU	-	Detritívoro	Fossorial	Floresta Atlântica; Vegetação aberta / regeneração florestal; Floresta estacional semidecidual degradada; Mosaico de florestas degradadas e em regeneração; pasto sujo
Polydesmida	Pseudonannole- nidae	<i>Pseudonannolene gogo</i>	VU	-	-	VU	-	Detritívoro	Semi- fossorial	Áreas úmidas; Floresta Atlântica; Cavernas de ferro

Fonte: Golder (2016).

ANEXO II

QUESTIONÁRIO APLICADO

Prezados colaboradores,

O instituto de pesquisa Bicho do Mato, em contrato firmado junto à Fundação Renova, foi contemplado para conduzir os trabalhos de elaboração do Plano de Ação para Conservação da Biodiversidade Terrestre do Rio Doce.

O Plano de Trabalho e Propósito do Plano de Ação foram protocolados para análise do Comitê Interfederativo (CIF) e os próximos passos previstos para este projeto é o levantamento de informações sobre as ameaças das espécies da fauna e flora terrestres ameaçadas e ou presentes na lista CITES e que foram afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão. Para tanto, foi produzido este questionário, que visa mapear às ameaças a estas espécies.

Dessa forma, em função a relevância dos seus estudos e como forma de contribuir para a compilação dessas informações, solicitamos, gentilmente, que, baseado em seu conhecimento, responda o questionário adiante contextualizando as ameaças às espécies dentro do escopo afetado pelo rompimento da barragem (definido como Área Ambiental I – ver mapa em anexo).

As respostas podem ser feitas neste mesmo documento, no campo específico para elas. Após finalizado o arquivo deve ser enviado na extensão .doc e .pdf para **fernandasantiago@bichodomatosede.com.br** e **leoliveira@bichodomatoip.org** até a data de 30 de março de 2018.

Agradecemos pela contribuição,

Bicho do Mato Instituto de Pesquisa.

Sobre as ameaças e espécies afetadas dentro do escopo do Plano de Ação

Dados secundários sobre os impactos na biodiversidade terrestre ameaçada pelo rompimento da barragem de Fundão levantados pela empresa Golder em 2016 (Avaliação de Impacto Sobre as Espécies Terrestres Ameaçadas de Extinção: documento RT-031_159-515-2282_07-J) utilizaram como escopo uma faixa de 5 km de largura em cada um dos ambientes fluviais afetados (ou seja, 10 km de largura total de área considerada afetada), estendendo-se a partir da barragem de Fundão, envolvendo os ambientes dulcícolas atingidos até chegar ao ambiente marinho, numa área total de 613.484 hectares. Esta área é semelhante a tratada neste Plano de Ação, que abarca a Área Ambiental I (ver mapa em Anexo).

Assumimos aqui que o Vetor que nos levou a esse plano de ação foi o rompimento da barragem. A Golder (2016), no documento acima mencionado, descreve diferentes maneiras pelas quais o rompimento da Barragem de Fundão pode afetar as espécies terrestres ameaçadas de extinção conforme a seguir:

- 1) **Perda de ecossistema resultante da erosão e deposição de rejeitos:** segundo Golder (2016) esse vetor inclui a perda de ecossistemas que sustentam espécies terrestres ameaçadas de extinção, em função da ação física da água, rejeitos e detritos na remoção da vegetação e dos solos, e soterramento de ecossistemas presentes antes do rompimento da represa devido à deposição de rejeitos e detritos.
- 2) **Mudança na condição do ecossistema em função da erosão e deposição de rejeitos e detritos:** esse vetor inclui mudanças nos ecossistemas que sustentam espécies terrestres ameaçadas de extinção. Diferente do vetor acima mencionado, os ecossistemas afetados não foram removidos, mas sim impactados.
- 3) **Alterações na conectividade resultantes da perda de ecossistemas ou alterações na condição dos ecossistemas:** as populações das espécies alvo podem ter sofrido perda de conectividade em função de mudanças na disposição espacial de ecossistemas ou em função de dificuldades para a transposição das áreas onde houve a deposição dos rejeitos.

- 4) **Mortalidade causada pela inundação:** mortalidade de indivíduos das espécies alvo causada pela ação física da água, rejeito e detritos.
- 5) **Mortalidade em função da deposição de rejeitos:** mortalidade de indivíduos das espécies alvo causada por atolamento na lama de rejeitos depositada após a enchente provocada pelo rompimento da barragem.
- 6) **Mortalidade ou morbidade por metais e outros químicos liberados no ambiente:** mudança na qualidade da água ou solo pelo aumento das concentrações de metais e outros contaminantes, resultando em efeitos diretos sobre as espécies alvo (que interagem com água e ou solo) ou através de interações tróficas com as espécies afetadas.
- 7) **Sobrevivência ou sucesso reprodutivo reduzidos devido a alterações nas cadeias alimentares a partir dos ambientes aquáticos:** mudanças na abundância de organismos aquáticos, comunidades de plantas ou populações de animais terrestres podem ter afetado negativamente as espécies alvo através da alteração da disponibilidade de recursos.
- 8) Efeito sobre o sucesso reprodutivo das plantas em função de alterações na abundância de polinizadores provenientes de ambientes aquáticos: redução de populações de polinizadores provenientes de ambientes aquáticos afetados podem reduzir o sucesso reprodutivo das espécies de plantas alvo desse Plano de Ação.
- 9) **Redução na eficiência de forrageamento em função de alterações na qualidade da água (ex: aporte de sedimentos):** mudanças nas propriedades físicas da água em função do aumento da carga de sedimentos podem reduzir a eficiência de forrageamento para certas espécies terrestres ameaçadas de extinção que se alimentam na água.

Além desses, a perda ou diminuição populacionais podem ter afetado as interações entre espécies que podem levar a cascata trófica (PAINE, 1980), ou seja um efeito indireto que um nível trófico exerce em demais níveis tróficos através do efeito direto em níveis tróficos intermediários. Essa cascata trófica pode ter consequências negativas para as espécies alvo.

Das espécies do escopo desse Plano de Ação

Serão o alvo de conservação deste Plano de Ação, as espécies ameaçadas e aquelas que potencialmente estão susceptíveis a se tornarem ameaçadas nos ambientes afetados pelos impactos do rompimento da barragem de Fundão, considerando o escopo geográfico desta área.

No estudo de “Avaliação de Impacto Sobre as Espécies Terrestres Ameaçadas de Extinção” (GOLDER, 2016), foram registradas 346 espécies terrestres ameaçadas de extinção e ou constantes na lista CITES ocorrentes ou potencialmente ocorrentes na área de abrangência deste Plano de Ação e que foram potencialmente impactadas pelo rompimento da barragem de Fundão.

As espécies de cada grupo que serão contempladas nesse Plano de Ação encontram-se nas Tabelas 1 a 10, em Anexo.

Contudo, a Nota Técnica 2/2017/CTBio/CIF esclarece que não só estas espécies devem receber atenção quando da elaboração do Plano de Ação. Além destas, devem ser incluídas espécies que podem estar susceptíveis às ameaças em função dos danos gerados pelo rompimento a barragem da Fundão, resultando em um Plano de Ação sobre todas as espécies efetivamente impactadas.

QUESTIONÁRIO

- 1) **Quais espécies/grupo você ficou responsável ou é especialista?**
- 2) **Alguma espécie além das listadas dentro do seu grupo, deveria estar presente? Se sim, por favor, forneça uma justificativa.**
- 3) **Quais são os impactos diretos e indiretos do rompimento da barragem sobre as espécies que você ficou responsável?**
- 4) **Quais seriam as principais ações para mitigar ou reverter tais impactos?**

- Para responder a essa pergunta, use as seguintes dicas:
 - a. Quais fatores causam, permitem ou incentivam a ameaça acontecer ou se tornar mais grave?
 - b. Como o rompimento da barragem afeta as ameaças já existentes?
 - c. Dentro do escopo desse Plano de Ação, qual o impacto nas populações das espécies alvo?

* Para a pergunta c, gostaríamos que os srs (a) levassem em consideração 3 aspectos:

I. Abrangência do impacto (A proporção espacial da espécie alvo afetada pelo rompimento da barragem)

- **Considere os valores de referência abaixo:**
 - a. **4 = Muito Alta:** é provável que a ameaça seja de âmbito geral, afetando o alvo em toda ou na maioria (71-100%) de sua ocorrência / população.
 - b. **3 = Alta:** é provável que a ameaça seja abrangente, afetando o alvo em grande parte (31-70%) de sua ocorrência / população.
 - c. **2 = Médio:** é provável que a ameaça seja limitada em seu alcance, afetando o alvo, em parte (11-30%) de sua ocorrência / população.

d. **1 = Baixo:** é provável que a ameaça seja de âmbito limitado, afetando o alvo em uma pequena proporção (1-10%) de sua ocorrência / população.

II. Intensidade do impacto (dentro da abrangência da ameaça, o nível de dano esperado sobre a espécie alvo causado pelo rompimento da barragem)

- **Considere os valores de referência abaixo:**

a. **4= Muito Alta:** Dentro da abrangência, a probabilidade da ameaça destruir / eliminar o alvo ou reduzir a sua população é de 71-100%, nos próximos dez anos ou três gerações;

b. **3 = Alta:** Dentro da abrangência, a ameaça é suscetível de degradar / reduzir seriamente o alvo ou reduzir a sua população em 31-70%, nos próximos dez anos ou três gerações.

c. **2 = Média:** Dentro da abrangência, a ameaça é suscetível de degradar / diminuir moderadamente o alvo ou reduzir a sua população em 11-30%, nos próximos em dez anos ou três gerações.

d. **1 = Baixa:** Dentro da abrangência, a ameaça é suscetível de degradar / reduzir ligeiramente o alvo ou diminuir a sua população em 1-10%, nos próximos dez anos ou três gerações.

III. Irreversibilidade: O grau em que os efeitos do rompimento da barragem podem ser revertidos e as espécies-alvo afetadas podem ser restauradas, se a ameaça deixar de existir.

a. **4 = Muito Alta:** Os efeitos da ameaça não podem ser revertidos, sendo pouco provável que o alvo possa ser restaurado ou demorar mais de 100 anos para tanto.

b. **3 = Alta:** Os efeitos da ameaça podem ser tecnicamente revertidos e o alvo restaurado, mas não é economicamente viável e/ou levará 21-100 anos para consegui-lo (por exemplo: zonas úmidas convertidas em agricultura).

c. **2 = Média:** Os efeitos da ameaça podem ser revertidos e o alvo restaurado com razoáveis recursos e / ou em 6-20 anos.

d. **1 = Baixa:** Os efeitos da ameaça são facilmente revertidos e o alvo pode ser facilmente restaurado a um custo relativamente baixo e / ou 0-5 anos.

RESPOSTAS

Prezado (a) pesquisador (a),

Este campo é destinado às respostas das perguntas anteriormente colocadas. Fique à vontade para discorrer sobre elas. Ao final, pedimos que este documento seja salvo na extensão .doc e .pdf e encaminhado até o dia 30 de março do ano corrente para fernandasantiago@bichodomatosede.com.br e leoliveira@bichodomatoip.org

Por favor, entre em contato em caso de dúvida nesses mesmos e-mails.

ANEXO III

LISTA DE PESQUISADORES CONVIDADOS PARA RESPONDEREM AO QUESTIONÁRIO

COLABORADOR	INSTITUIÇÃO	ESTADO
FLORA		
João Augusto Alves Meira Neto*	Universidade Federal de Viçosa	RJ
Nina Pougy Monteiro*	Núcleo de Planejamento de Ações para a Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção	RJ
Adriana Quintella Lobão	-	-
Alain Chautems	-	-
Alessandro Rapini	-	-
Alexandre Quinet	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
Amélia Tuler	-	-
Ana Raquel Lourenço	-	-
Anderson Alves-Araújo, Antonio Campos-Rocha	-	-
Anderson Ferreira Pinto Machado	-	-
André Marcio Araújo Amorim	Universidade do Estado de Santa Catarina	SC
Andrea Araujo	Universidade Federal do ABC	SP
Andrea Costa	Museu Nacional	RJ
Augusto Giaretta	-	-
Bruno Amorim	-	-
Caio Vinicius Vivas Damasceno Melo	-	-
Carla Poleselli Bruniera	-	-
Cíntia Luíza da Silva Luz	-	-
Cláudia Elena Carneiro	-	-
Claudine Mynssen	-	-
Claudine Mynssen	-	-
Claudio Nicoletti de Fraga	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
Daniela Sampaio	-	-
Daniela Zappi	Museu Paraense Emílio Goeldi	PA
Débora Medeiros	Museu Nacional	RJ
Deise Gonçalves	-	-
Denise Pinheiro da Costa	-	-
Diego Gonzaga	-	-

COLABORADOR	INSTITUIÇÃO	ESTADO
Douglas Daly	New York Botanical Garden	NY
Eliane de Lima Jacques	-	-
Elsie Franklin Guimaraes	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
Elsie Franklin Guimarães	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
Fabiana Luiza Ranzato Filardi	-	-
Fernanda Hurbath,	-	-
Fernanda Santos Silva	-	-
Gabriel Emiliano Ferreira	-	-
George Azevedo de Queiroz	-	-
Guilherme de Medeiros Antar	-	-
Gustavo Martinelli	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
Gustavo Shimizu	-	-
Haroldo Lima	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
Jimi Nakajima	-	-
João Iganci	-	-
João Marcelo Alvarenga Braga	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
João Paulo Condack	-	-
José Eduardo Lahoz da Silva Ribeiro	-	-
José Fernando Baumgratz	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
José Floriano Barêa Pastore	-	-
Jose Rubens Pirani	Universidade de São Paulo	SP
Juliana Amaral de Oliveira	-	-
Julio A. Lombardi	-	-
Kelly C. Silva Gonçalves	-	-
Lana Sylvestre	-	-
Leandro Jorge Telles Cardoso	-	-
Leandro Lacerda Giacomini	-	-
Leonardo Biral	-	-
Leonardo Versieux	-	-
Liliana Essi	-	-

COLABORADOR	INSTITUIÇÃO	ESTADO
Luana S.B. Calazans	-	-
Lucas Jordão	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
Lúcia Garcez Lohmann	Universidade de São Paulo	SP
Luiz Menini Neto	-	-
Marcos Sobral	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Marcus Nadruz	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
Maria Fernanda Calió	-	-
Mário Gomes	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
Marli Pires Morim	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
Massimo Bovini	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
Matheus Fortes Santos	-	-
Michel Ribeiro	-	-
Michelle Mota	-	-
Pablo Viany	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
Paula Leitman	-	-
Pedro Fiaschi	-	-
Rafael Batista Louzada	-	-
Rafael Felipe de Almeida	-	-
Rafael Gomes Barbosa da Silva	-	-
Ricardo de Oliveira Perdiz	-	-
Ronaldo Marquete	-	-
Scott Alan Mori	New York Botanical Garden	NY
Sheila Profice	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
Suzana M Costa	-	-
Vidal de Freitas Mansano	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
INVERTEBRADOS		
Yasmine Antonini*	Universidade Federal de Ouro Preto	MG
Gloria Ramos Soares*	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa	MG
Adalberto José dos Santos	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Clemens Peter Schlindwein	Universidade Federal de Minas Gerais	MG

COLABORADOR	INSTITUIÇÃO	ESTADO
Danilo Ribeiro Bandini	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Fernando Amaral da Silveira	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Frederico de Siqueira Neves	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Gisele Yukimi Kawauchi	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Henrique Paprocki	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	MG
J P Barbosa	-	-
Júlio Chaul	-	-
Julio Louzada	Universidade Federal de Lavras	MG
Laura Braga	-	MG
Letícia Maria Vieira	Universidade Federal de São João Del Rey	MG
Marcel Hermes	Universidade Federal de Lavras	MG
Marcelo da Silva Moretti	Universidade de Vila Velha	ES
Paulo Enrique Cardoso Peixoto	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Ricardo Ribeiro de Castro Solar	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Ricardo Solar	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Rodrigo Lopes Ferreira	Universidade Federal de São João Del Rey	MG
Ronara de Souza Ferreira		
Tathiana Guerra Sobrinho	Universidade Federal do Espírito Santo	ES
Tatiana Garabini Cornelissen	Universidade Federal de São João Del Rey	MG
Vanesca Korasaki	Universidade Federal de São João Del Rey	MG
HERPETOFAUNA		
Renato Neves Feio*	Universidade Federal de Viçosa	MG
Paulo Anchieta Garcia	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Luciana Barreto Nascimento	PUC Minas	MG
Maria Rita Silvério Pires	Universidade Federal de Ouro Preto	MG
Mário R. Moura	Universidade Federal de Uberlândia	MG
Patrícia Silva Santos	Universidade Caratinga	MG
Luiz Gasparini	Universidade Federal do Espírito Santo	ES
Clodoaldo Lopes de Assis	-	-
Douglas Brumal	Parque Natural do Caraça	MG

COLABORADOR	INSTITUIÇÃO	ESTADO
Paula Eterovick	PUC Minas	MG
João Victor Lacerda	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Emanuel Teixeira da Silva	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Henrique Caldeira Costa	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Felipe Leite	Universidade Federal de Viçosa	MG
Carlos Alberto Gonçalves Cruz	Museu Nacional do Rio de Janeiro	RJ
AVIFAUNA		
Guilherme Henrique Silva de Freitas*	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Augusto Cezar Francisco Alves	-	ES
Bret M. Whitney	Louisiana State University	USA
Eduardo Pio Mendes de Carvalho Filho	Biocev Serviços de Meio Ambiente Ltda (BIOCEV)	MG
Charles Gladstone Duca Soares	Universidade Vila Velha	ES
Daniel Dias	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA)	MG
Diego Hoffmann	Universidade Federal do Espírito Santo/CEUNES	ES
Erica Hasui	Universidade Federal de Alfenas	MG
Francisco Mallet-Rodrigues	Universidade Federal do Rio de Janeiro	RJ
Frederico Innecco Garcia	-	MG
Giovanni Nachtigall Maurício	Universidade Federal de Pelotas	RS
Jean Paul Walter Metzger	Universidade de São Paulo	SP
José Fernando Pacheco	Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO)	RJ
Lemuel Olívio Leite	Universidade Estadual de Montes Claros	MG
Leonardo Esteves Lopes	Universidade Federal de Viçosa, campus Florestal	MG
Luciano Moreira Lima	Instituto Butantan	RJ
Luís Fábio Silveira	Universidade de São Paulo, Museu de Zoologia	SP
Luiz dos Anjos	Universidade Estadual de Londrina	PR
Luiz Pedreira Gonzaga	Universidade Estadual do Rio de Janeiro	RJ
Marcelo Ferreira de Vasconcelos	Museu de Ciências Naturais PUC Minas	MG
Marco Aurélio Pizo	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus Rio Claro	SP
Marcos Maldonado-Coelho	Universidade Federal de São Paulo, Campus Diadema	SP

COLABORADOR	INSTITUIÇÃO	ESTADO
Marcos Raposo	Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Museu Nacional	RJ
Marcos Rodrigues	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Maria Martha Argel de Oliveira	-	SP
Mauro Guimarães Diniz	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA)	MG
Miguel Ângelo Marini	Universidade de Brasília	DF
Paulo Henrique Chaves Cordeiro	Universidade Santa Úrsula, USU	RJ
Pedro Ferreira Develey	Sociedade para a Conservação das Aves do Brasil (SAVE-Brasil)	SP
Ricardo Bonfim Machado	Universidade de Brasília	DF
Ricardo Parrini	-	
Rômulo Ribon	Universidade Federal de Viçosa, campus Viçosa	MG
Alexandre Uezu	Instituto de Pesquisas Ecológicas	SP
Vítor de Queiroz Piacentin	Drexel University, Philadelphia	USA/SP
Vitor Torga Lombardi	-	MG
MASTOFAUNA		
Gisele Mendes Lessa del Giúdice*	Universidade Federal de Viçosa	MG
Fábio de Carvalho Falcão*	Bicho do Mato Instituto de Pesquisa	MG
Marcelo Passamani	Universidade Federal de Lavras	MG
Adriano Paglia	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Renata Pardini	Universidade de São Paulo	SP
Pablo Gonçalves	Universidade Federal do Rio de Janeiro - Macaé	RJ
Michel Barros Faria	Universidade do Estado de Minas Gerais - Carangola	MG
Lena Geise	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	RJ
Rodolfo Stumpp	-	-
Leandro Moraes Scoss	-	MG
Pollyanna Alves de Barros	Universidade Federal de Viçosa	MG
Marcus Vinicius Brandão de Oliveira	Universidade Federal de Viçosa	MG
Roberta Paresque	Universidade Federal do Espírito Santo	ES
Yuri Luiz Reis Leite	Universidade Federal do Espírito Santo	ES
Sérgio Lucena Mendes	Universidade Federal do Espírito Santo	ES

COLABORADOR	INSTITUIÇÃO	ESTADO
Leonora Pires Costa	Universidade Federal do Espírito Santo	ES
Ana Carolina Srbek de Araújo	Universidade de Vila Velha	ES
Miram Lucia Lages Perilli	Instituto de Pesquisas Ecológicas	SP
Fernando Lima	Instituto de Pesquisas Ecológicas	SP
Fabiano R. de Melo	Universidade Federal de Goiás Universidade Federal de Viçosa	GO/MG
Cristiane Casar	PUC Minas/Instituto de Pesquisa Bicho do Mato	MG
Leandro Jerusalinsky	ICMBio - Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Primatas Brasileiros	PR
Valéria da Cunha Tavares	Universidade do Estado de Minas Gerais/Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Ludmilla Aguiar	Universidade de Brasília	DF
Enrico Bernard	Universidade Federal de Pernambuco	PE
Leonardo Henrique Dias da Silva	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Maria João	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	RS
Gledson Bianconi	Instituto Federal do Paraná	PR
Paulo Bobroviec	Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia	AM
Marlon Zortéa	Universidade Federal de Goiás	GO
Dr. Marco Mello	Universidade Federal de Minas Gerais	MG
Albert David Ditchfield	Universidade Federal do Espírito Santo	ES

Legenda: * coordenadores temáticos

ANEXO IV

LISTA DE PESQUISADORES QUE RESPONDERAM O QUESTIONÁRIO

COLABORADOR	INSTITUIÇÃO	ESTADO
FLORA		
Rafael Gomes Barbosa da Silva	-	-
Gustavo Shimizu	-	-
Leonardo Biral	-	-
Rubens Custódio Mota	-	-
Cláudia Elena Carneiro	-	-
George Azevedo de Queiroz	-	-
Haroldo Lima	-	-
Luiz Menini Neto	-	-
José Fernando Andrade Baumgratz	-	-
Rafael Felipe de Almeida	-	-
Marcus Nadruz Coelho	Jardim Botânico do Rio de Janeiro	RJ
Amélia Tuler	-	-
Antônio Campos-Rocha	-	-
Diego Gonzaga	-	-
Fernanda Hurbath	-	-
Guilherme de Medeiros Antar	-	-
Suzana Costa	-	-
Alessandro Rapini	-	-
Andrea Araujo	Universidade Federal do ABC	SP
Josiene Rossini	-	-
Alexandre Salino	UFMG	MG
INVERTEBRADOS		
Yasmine Antonini	UFOP	MG
Fernanda Costa	UFOP	MG
Laura Braga	UFOP	MG
HERPETOFAUNA		
Renato Feio	UFV	MG
Selvino Neckel de Oliveira	UFSC	SC
AVIFAUNA		

COLABORADOR	INSTITUIÇÃO	ESTADO
Bret Whitney	Louisiana State University	-
Augusto César Francisco	-	ES
Guilherme Henrique Silva de Freitas		
Lílian Mariana Costa		
MASTOFAUNA		
Leandro Scoss	-	MG
Fabiano R. de Melo	UFG	MG
Gisele Lessa	UFV	MG
Carla de Borba Possamai	UFES	ES
Marcus Vinicius Brandão de Oliveira	UFV	MG
Lena Geise	UERJ	RJ
Fábio de Carvalho Falcão	UESC	BA
Leonardo Henrique Dias da Silva	UFMG	MG
Júlia Luz	-	-
Miriam Lucia Lages Perilli	IPÊ	SP
Daniela Coelho	-	-

ANEXO V

LISTA DE PESQUISADORES QUE SERÃO CONVIDADOS PARA
PARTICIPAREM DAS OFICINAS

	COLABORADOR	INSTITUIÇÃO	ESTADO
FLORA			
1	João Augusto Alves Meira Neto*	UFV	MG
2	Nina Pougy Monteiro*	Núcleo de Planejamento de Ações para a Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção	RJ
3	Haroldo Lima	JBRJ	RJ
4	Lucio Bedê	Instituto Terra Brasilis	MG
5	Luciana Kamino	Instituto Prístino	MG
6	Miriam Pimentel	FZB-BH	MG
7	Fernando Fernandez	FZB-BH	MG
8	Rubens Custódio	UFMG e Instituto Prístino	MG
9	Alexandre Salino	UFMG	MG
10	João Renato Stehmann	UFMG	MG
11	Fernando Augusto de Oliveira	UFMG	MG
12	Ana Maria Giullieti	ITV	PA
INVERTEBRADOS			
13	Yasmine Antonini*	UFOP	MG
14	Gloria Ramos Soares*	UFV e UFOP	MG
15	Laura Braga	UFOP	MG
16	Henrique Paprocki	PUC Minas	MG
17	Marcelo da Silva Moretti	UVV	ES
18	Tathiana Guerra Sobrinho	UFES	ES
19	Lucimar Soares de Araujo	UFV	MG
20	Julio Louzada	UFL	MG
21	Yasmine Antonini	UFOP	MG
22	Mario Cesar Laboissieri Del Sarto	-	-
23	Fernando Amaral da Silveira	UFMG	MG
24	Julio Chaul	UFV	MG
25	Fernanda Costa	UFOP	MG
26	Marina Beirão	UFOP	MG
27	Amazonas Chagas Júnior	UFMT	MG

	COLABORADOR	INSTITUIÇÃO	ESTADO
28	Joao Pedro Barbosa	USP	SP
29	Maria Auxiliadora Drumond	UFMG	MG
HERPETOFAUNA			
30	Renato Neves Feio*	UFV	MG
31	Luciana Barreto Nascimento	PUC Minas	MG
32	Felipe Leite	UFV Florestal	MG
33	Paulo Christiano de Anchieta Garcia	UFMG	MG
34	Maria Rita Silvério Pires	UFOP	MG
35	Mário R. Moura	UFU	MG
36	Patrícia Silva Santos	Universidade Caratinga	MG
37	Luiz Gasparini	UFES	ES
38	Clodoaldo Lopes de Assis	UFV	MG
39	Douglas Brumal	P. N. Caraça	MG
40	Paula Eterovick	PUC Minas	MG
41	João Victor Lacerda	UFMG	MG
42	Emanuel Teixeira da Silva	UFMG	MG
43	Henrique Caldeira Costa	UFMG	MG
44	Carlos Alberto Gonçalves Cruz	MNRJ	RJ
45	Roberta Murta-Fonseca	UFRJ	RJ
46	Humberto Espírito Sando de Mello	FZB-BH	MG
AVIFAUNA			
47	Guilherme Henrique Silva de Freitas*	UFMG	MG
48	Alexandre Uezu	Instituto de Pesquisas Ecológicas	SP
49	Antonio Emanuel Barreto Alves de Sousa	ICMBio - Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres	PB
50	Carolina Demetrio Ferreira	UFES	ES
51	Charles Gladstone Duca Soares	UVV	ES
52	Diego Hoffmann	UFES/CEUNES	ES
53	Fabício Rodrigues dos Santos	UFMG	MG
54	José Fernando Pacheco	Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO)	RJ

	COLABORADOR	INSTITUIÇÃO	ESTADO
55	Leonardo Esteves Lopes	UFV, campus Florestal	MG
56	Marco Antônio Manhães	UFJF	MG
57	Marcos Rodrigues	UFMG	MG
58	Rômulo Ribon	UFV, campus Viçosa	MG
59	Marcelo Ferreira de Vasconcelos	Museu de Ciências Naturais PUC Minas	MG
MASTOFAUNA			
60	Gisele Mendes Lessa del Giúdice*	UFV	MG
61	Fábio de Carvalho Falcão*	BMP	MG
62	Adriano Pereira Paglia	UFMG	MG
63	Flávio Henrique Guimarães Rodrigues	UFMG	MG
64	Leonora Pires Costa	UFMG	ES
65	Sônia Talamoni	PUC Minas	MG
66	Leandro Moraes Scoss	BMP	MG
67	Pollyanna Alves de Barros	UFV	MG
68	Marcus Vinicius Brandão de Oliveira	UFV	MG
69	Ana Carolina Sberck	UVV	ES
70	Miriam Lucia Lages Perilli	IPÊ	SP
71	Albert David Ditchfield	UFES	ES
72	Valéria da Cunha Tavares	UEMG/UFMG	MG

Legenda: * coordenadores temáticos